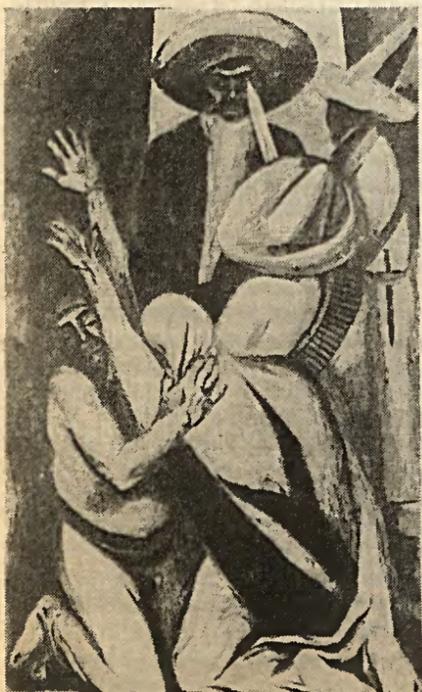




Painel da Universidade



Historiografia latino-americana

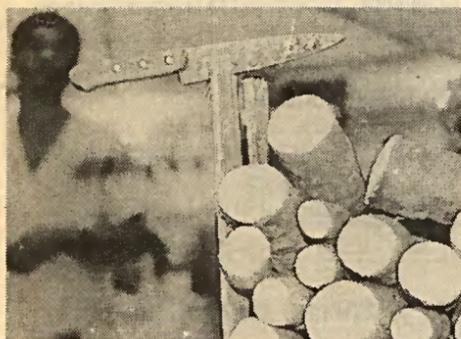
Os dilemas e desafios da América Latina, num encontro internacional de historiadores. Pág. 11



Promovida em Bauru, no mês de setembro, a Expounesp mostrou o que a Universidade faz em todas as áreas do saber. A exposição, que atraiu mais de 50 mil pessoas, teve atrações como manequins que reproduzem o corpo humano (*foto*), testes de saúde e exposições artísticas. Págs. 4 e 5

DESCOBERTA PODE CONTESTAR TESES CLÁSSICAS

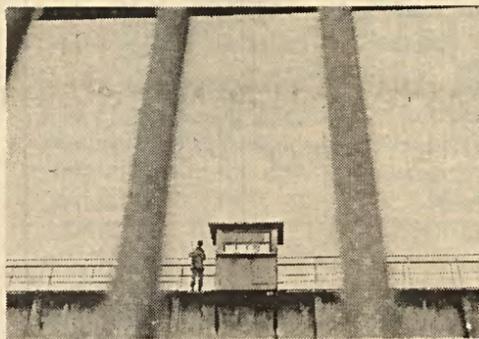
Com cerca de 90 milhões de anos, o fóssil de um fragmento de mandíbula encontrado por pesquisadores do IGCE pode ser o elo perdido entre antigos répteis e os atuais mamíferos, forçando uma revisão em teorias clássicas da paleontologia. Pág. 16



Tecnologia renova cultura de mandioca

Sob a coordenação da UNESP, pesquisadores desenvolvem estudos sobre a raiz.

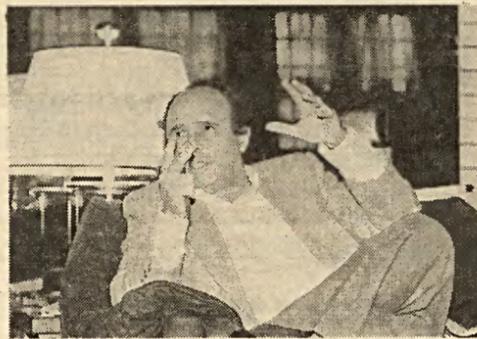
Pág. 6



Moral e ética atrás das grades

Solidariedade, fidelidade, proteção aos deficientes: as normas que regem a vida nos presídios.

Pág. 7



A Educação como prioridade nacional

Cristovam Buarque traça, em entrevista exclusiva, um painel dramático da Educação no país.

Págs. 8 e 9

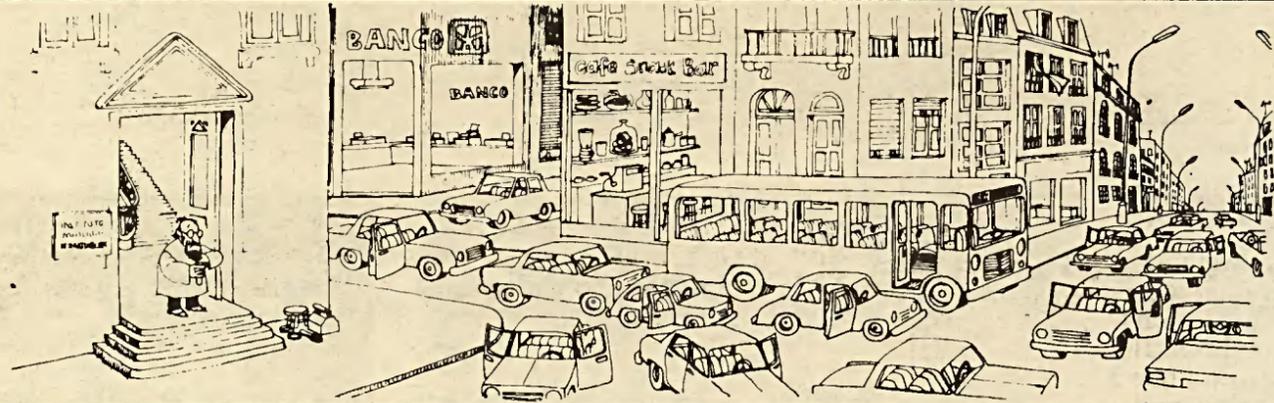
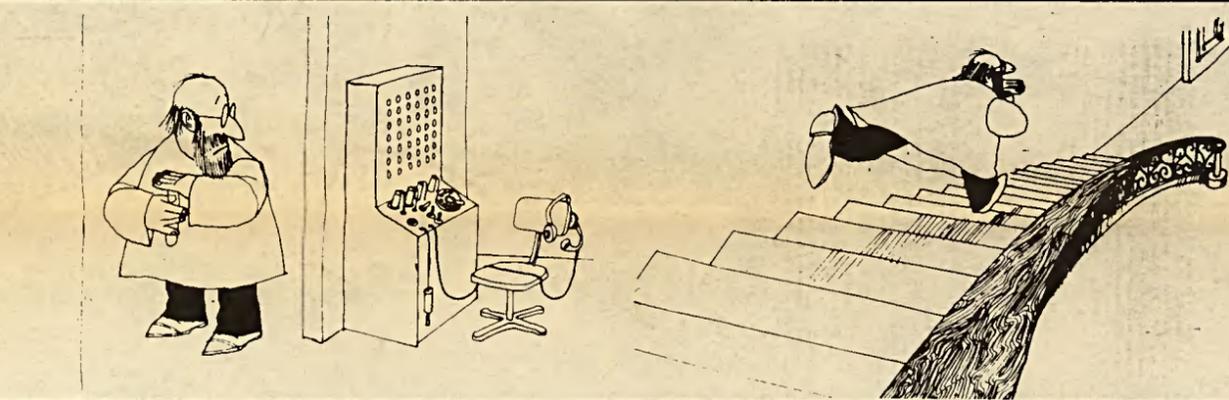
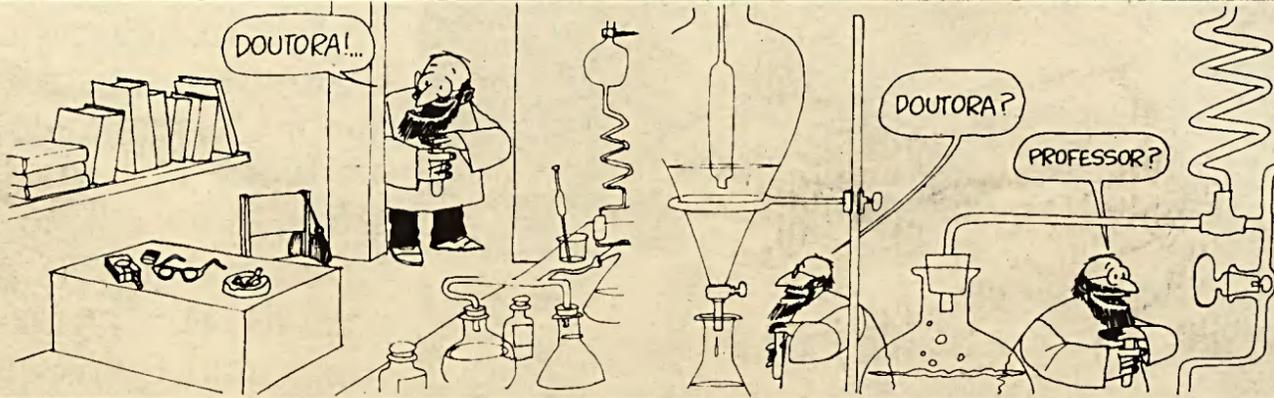
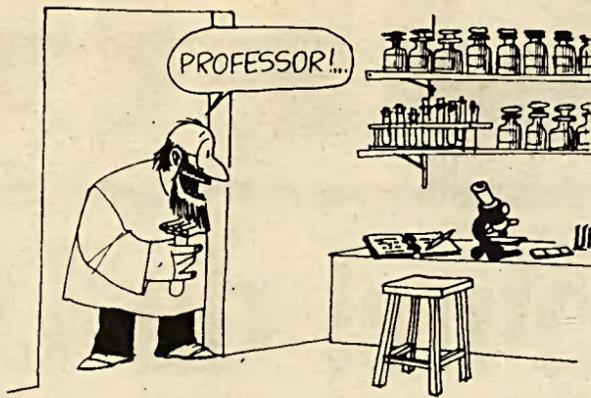


No palco, as mulheres do Chico

O espetáculo *Mulheres de Hollanda*, com músicas de Chico Buarque, tem direção musical de Samuel Kerr.

Pág. 11

Venha nos Conhecer: uma experiência de sucesso no contato com alunos de 1.º e 2.º graus. Pág. 13



Este cartum foi originalmente publicado no livro *Quinquerapia*, da Editora L&PM.

Animais peçonhentos

Abrangente, elegante e extremamente profissional a reportagem "Centro investiga novas aplicações para venenos", sobre o Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos da UNESP, publicada por este jornal na edição de julho-agosto, n.º 49. Parabéns!

Benedito Barraviera, Coordenador do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos da UNESP

Biotechnologia

Segundo este jornal (edição de setembro, n.º 50), o processo de clonagem, produzindo indivíduos idênticos, poderia ser usado um dia para se criar um exército de super-homens! Trata-se de pura ficção científica. Os indivíduos erroneamente chamados de "idênticos" apenas têm o mesmo patrimônio genético (salvo mutações somáticas). Acontece que as características dos seres vivos (morfológicas, psicológicas etc.) são determinadas por uma complexa interação entre fatores genéticos e fatores ambientais (...). Por isso, um clone de Einstein não seria necessariamente um novo Einstein. Poderia ser qualquer coisa: um novo Hitler, um novo Pelé e até mesmo um João Ninguém.

Ademar Freire-Maia, professor de pós-graduação do Instituto de Biociências do campus de Botucatu.

A afirmação não é do Jornal da UNESP, mas do professor Enoch Borges de Oliveira Filho, e se refere apenas à transferência de características físicas. O professor não faz, no texto em questão, qualquer alusão à transferência de características psicológicas.

Agradecimentos

Escreveram agradecendo o envio do **Jornal da UNESP** as seguintes instituições: Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Universidade de Mogi das Cruzes; Seção Cultural da Embaixada da República Popular da China; Biblioteca Central da Universidade do Amazonas; Biblioteca da Fundação Educacional do Estado do Pará; Biblioteca Central da Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal; Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia; Assessoria de Comunicação - Fundação Roberto Marinho; Programas de Jornalismo - IBM Brasil.

As cartas para o **Jornal da UNESP** devem ser endereçadas à Rua do Carmo, 44, 5.º andar - s/51. CEP 01019. São Paulo, SP.

unesp

Universidade Estadual Paulista
Reitoria: Praça da Sé, 108 - CEP 01001 - São Paulo, SP.

Campus Universitários: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia - FATEC - de Americana, Baixada Santista, São Paulo e Sorocaba).

Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO
Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim

Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo

Pró-reitor de Graduação: Antônio Cesar Perri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima de Castro, Antenor Araújo, Antônio Carlos Massabni, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecilio Linder, Dinah Borges de Almeida, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Moura, Jayme Wanderley Gasparoto, Joji Arika, José Enio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Lúcia Helena Oliveira Gerardi, Márcio Antônio Teixeira, Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Néelson de Araújo, Néelson Múrcia, Nivaldo José Bósio, Paulo César Naoum, Paulo de Tarso Oliveira, Sérgio Nereu Pagano e Tatsuko Sakima.

Representante das Unidades Complementares: Newton Castagnoli.

Representantes Docentes: Ana Maria Ramos Estêvão, Antônio Carlos Silveira, Antônio Celso Wagner

Zanin, Arleta Nóbrega Z.M. de Campos, Carlos Alberto Penatti, Cristo Bladimiro Melios, Euripedes Alves da Silva, João Alberto de Oliveira, José Aluysio Reis de Andrade, Kleber Pinto Silva, Luiz Carlos Donadio, Luiz Roberto Trovati, Maria Amélia Máximo de Araújo, Mário Balistieri Sobrinho, Myrian Xavier Fragoso, Nariaqui Cavaguti, Odair Correa Bueno, Odelbier Santo Guidugli, Olga Ceciliato Mattioli, Paulo Eduardo de Toledo Salgado, Reinaldo Ayer de Oliveira, Sebastião Hetem, Sheila Zambello de Pinho e Wellingtom Dinelli.

Representantes Discentes: Alexandre Martoni Patiri, Antônio Donizete Fernandes, Carlos Alberto Yara, Franco Borsari, José Aécio Silveiro Janini, José Gilberto de Souza e Renato Fonseca Barcellos.

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Antônio Sérgio Britto, Daltr Brandão, Edmilson de Nola Sá, Gessé Gerardi, João Cardoso da Silva, José Eduardo S. Candeias, José Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria José Manoel e Maria José R. Martins.

FIESP: Horácio Lafer Piva

FAPESP: Néleon de Jesus Parada

Jornal da UNESP

Editor: Paulo Velloso

Redação: André Louzas e Denise Pellegrini

Editor de Arte: Celso Pupo

Secretária de Redação: Viviane Fernandez

Produção: José Luiz Redini

Tiragem: 20 mil exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua do Carmo, 44, 5.º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone: 37-4479.

Composição, Fotolito e Impressão: DCI - Indústria Gráfica & Editora S.A.



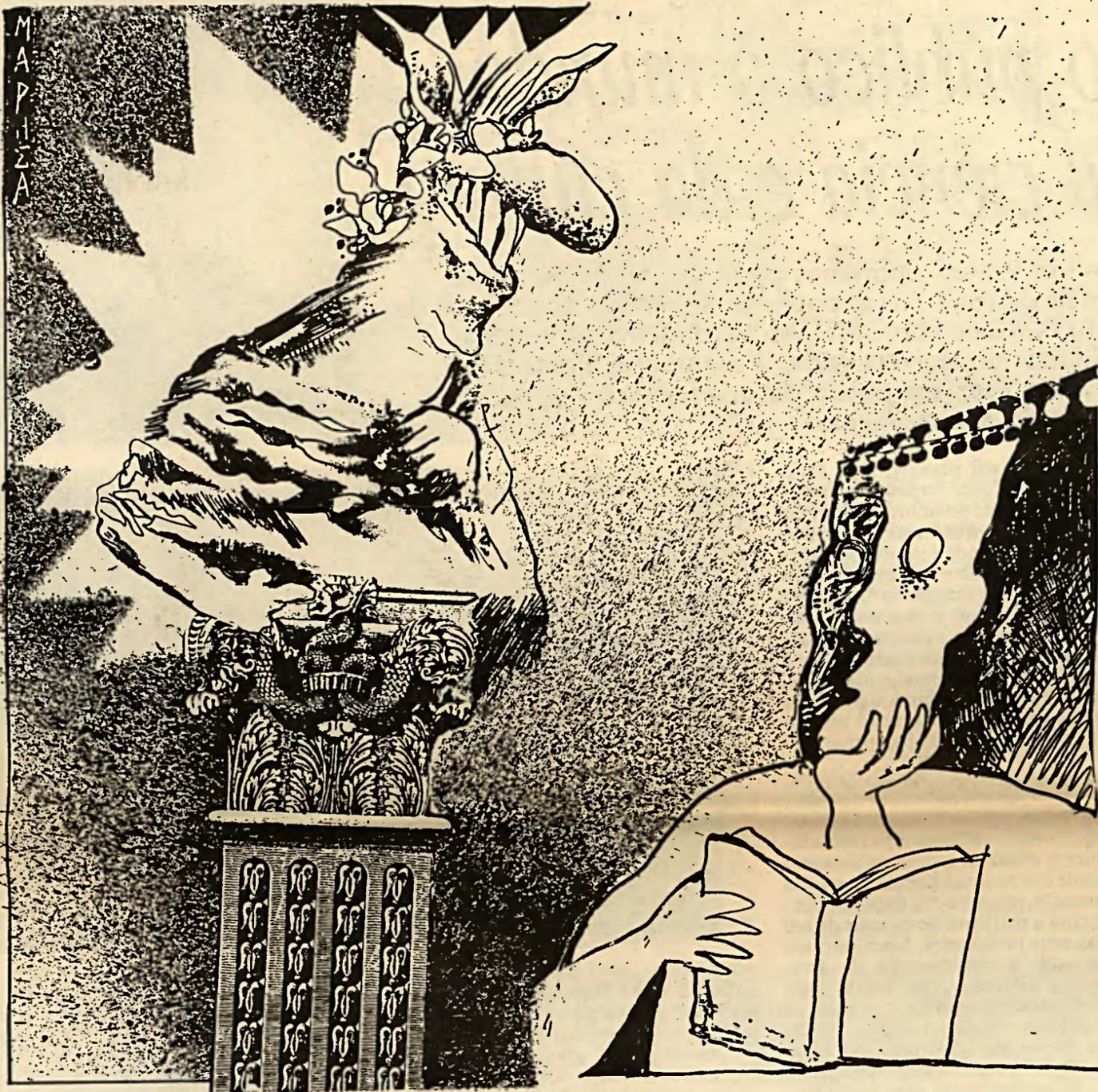
Educação popular: ética e sobrevivência

O atendimento ao imperativo ético de promover a educação popular, em nome da justiça social, passou a contar, especialmente nos últimos tempos, com poderosa motivação adicional, de caráter pragmático, que talvez se revele mais eficaz, tendo em vista a natureza e a amplitude dos interesses envolvidos. A superação da profunda crise que assola a educação no Brasil, na medida em que se apresenta como requisito para a inserção do país na nova ordem econômica internacional, converteu-se agora, inclusive para as elites, em condição de sobrevivência.

É necessário, no Brasil, que um novo estilo de desenvolvimento ocupe o lugar do atual modelo de substituição das importações. No contexto dessa nova revolução industrial em que a competitividade, a eficiência e a criatividade são indispensáveis, a existência de mão-de-obra abundante e não qualificada, compatível com uma população ignorante e uma pequena elite educada, deixa de ser uma vantagem para converter-se num pesado "handicap". Agora, não se trata, apenas, de incorporar equipamentos e adaptar o parque industrial à nova realidade tecnológica. O processo de modernização industrial imposto pela tendência mundial no sentido da internacionalização da economia pressupõe, a par da capacitação tecnológica, a universalização da educação básica.

No que diz respeito à capacitação tecnológica, tem-se notícia de que nos próximos anos serão substancialmente ampliados os recursos oficiais destinados ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Ao mesmo tempo, busca-se a criação de condições que estimulem os investimentos das empresas na modernização tecnológica.

Ainda que se admita a insuficiência dos recursos disponíveis, mesmo que se discorde das estratégias adotadas para a implementação da nova política industrial ou que se conteste a falsa dicotomia entre ciência pura e aplicada, que alguns entendem estar implícita no Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica do Governo Federal, sente-se a presença de uma decisão política do governo de promover o desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse campo, são muitas as dificuldades e imensa a tarefa a realizar, mas o país pode contar com a infra-estrutura existente em Institutos de Pesquisa e nas boas universidades, as quais, por suas atividades de ensino e pesquisa, sustentaram até agora o desenvolvimento do país, e cujo parque científico, como reconheceu recentemente o secretário de Ciência e Tecnologia, professor José Goldemberg, "está pronto



para ser utilizado", para que se possa enfrentar os novos desafios.

Lamentavelmente, a situação não é igualmente promissora no que se refere às condições preexistentes para a universalização da educação básica. E, o que é mais grave, tudo indica que inexistem, nas diferentes esferas da administração pública, vontade política efetiva de promover a plena recuperação da rede pública de ensino fundamental, não obstante a existência de clara determinação constitucional nesse sentido.

Cumprir observar, a propósito, que a Constituição Federal, ao dispor sobre a destinação de recursos para a educação, atribui tratamento prioritário ao ensino fundamental. Nesse sentido, o § 5.º do artigo 212, caracterizando o salário-educação como contribuição social, e não como imposto, determina que tais recursos, vinculados ao ensino fundamental, sejam acrescidos aos 25%

da receita resultante de impostos, a serem aplicados, em termos de mínimo, pela União, pelos Estados e pelos municípios, na manutenção e desenvolvimento do ensino de todos os níveis. Mais ainda, estabelece a Carta Magna, em suas Disposições Transitórias, que nos dez anos subsequentes à promulgação da Constituição, pelo menos 50% dos recursos reservados para a educação serão destinados à erradicação do analfabetismo e à universalização do ensino fundamental. A Constituição do Estado de São Paulo vai mais além. Eleva de 25% para 30% o percentual mínimo da receita resultante de impostos, e determina que tais recursos sejam aplicados na manutenção e desenvolvimento do ensino público. Ainda, ao reproduzir o mandamento acima referido das Disposições Transitórias da Constituição Federal, determina a aferição contínua dos resultados das ações desenvolvidas pelo Estado e pelos municípios, no sentido

da erradicação do analfabetismo e da universalização do ensino fundamental "de qualidade satisfatória", através de censos a serem realizados, bianualmente, até o ano 2000 (artigos 49 e 50 das Disposições Transitórias).

Até agora, contudo, além do discutível e indefinido programa de alfabetização anunciado pelo Governo Federal, não se nota alteração significativa na forma de tratamento dispensada pelos poderes públicos à educação básica em nosso país, nem a existência de disposição efetiva de investir decisivamente na plena recuperação da escola pública de 1.º grau.

Chega-se à triste conclusão de que, no Brasil, a tarefa mais urgente a cumprir, e talvez a mais difícil, há de ser a de desenvolver, nos responsáveis pela administração pública, a vontade política de fazer da educação e, em especial, do ensino público fundamental, a primeira das prioridades.

Universidade mostra ao público o mundo da ciência e da cultura

Túnel do tempo, aparelhos de Física, testes de saúde, animais de raça... a Expounesp, realizada no campus de Bauru, em setembro, foi uma verdadeira vitrine das atividades da Universidade. Acompanhe, pelas fotos de *Hélcio Toth*, um pouco do que foi essa viagem através do conhecimento.

Mais de 50 mil pessoas. Esse foi o público reunido pela Expounesp, realizada de 13 a 16 de setembro último, no campus de Bauru. Mostrando um pouco do que cada faculdade e instituto produz em termos de ciência e cultura, o evento teve por objetivos integrar a UNESP à comunidade regional e promover o intercâmbio entre suas unidades. Consumindo dez meses em sua organização, a Expounesp, que será anual e itinerante, teve como primeira anfitriã a cidade de Bauru, por estar lá o mais novo campus da UNESP, incorporado há apenas dois anos.

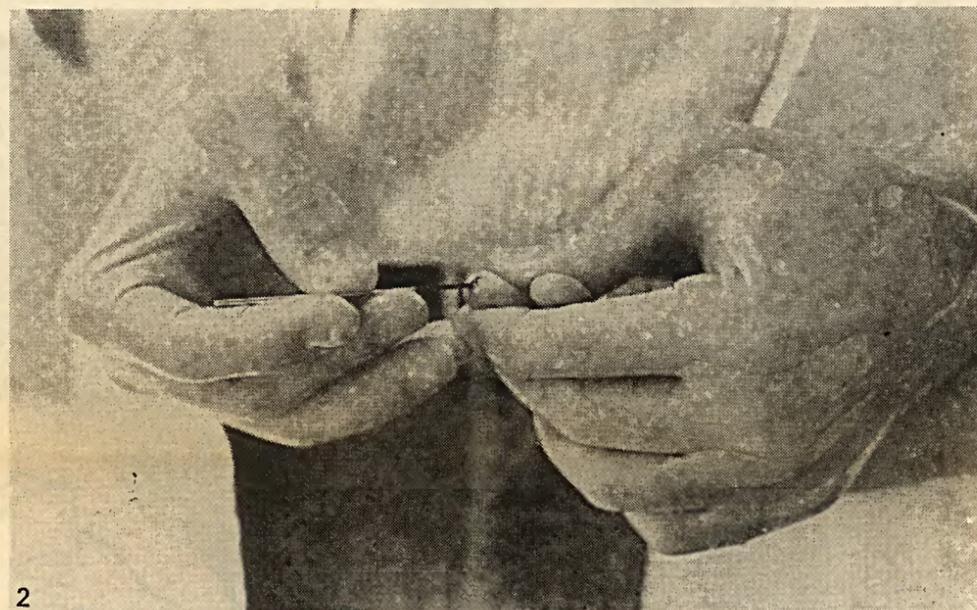
"A exposição tem a função de refletir a UNESP em seu conjunto", definiu o reitor Paulo Milton Barbosa Landim, para quem essa é também uma forma alternativa e eficaz de se prestar contas à sociedade dos recursos por ela investidos em ensino e pesquisa no Estado. Contando com a participação de mais de mil pessoas entre professores, funcionários e alunos, sob a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, a Expounesp teve como público alvo a população da região de Bauru, particularmente os estudantes de 2.º grau. "Precisamos mostrar à comunidade quais os cursos que a UNESP oferece", disse o pró-reitor Carlos Ruggiero.

PROGRAMA DIVERSIFICADO

Dividida em quatro áreas — Biológicas, Exatás, Geociências e Humanas —, a Expounesp ofereceu ao público quatro dias de extensa programação. Exposições de artes plásticas e apresentações de grupos de teatro, dança e música permearam a mostra, desde a solenidade de abertura, realizada no dia 13, no Anfiteatro "Guilherme Ferraz", até seu encerramento. Além disso, os visitantes assistiram a demonstrações esportivas e participaram de debates, *workshops* e oficinas.

Um passeio no túnel do tempo, através do desenvolvimento da informação, foi proporcionado ao público pela Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, juntamente com a Coordenadoria Geral de Bibliotecas. "O túnel mostrou a evolução do suporte físico da informação, desde as inscrições rupestres da pré-história até a biblioteca atual, equipada com microcomputadores, por exemplo", explicou a professora Plácida Santos, do Departamento de Biblioteconomia.

Dando uma pequena mostra de co-



2

mo ministrar aulas criativas, a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente levou para a Expounesp um conjunto de aparelhos construídos por professores do 2.º grau, sob a orientação de seus docentes. Os equipamentos, feitos com sucatas, demonstram experiências nas diferentes áreas da Física. "O barco termodinâmico, por exemplo, foi construído para auxiliar o estudo da termologia, a parte da Física referente ao calor, proporcionando ao aluno maior motivação em sala de aula", mencionou o professor Sílvio Teixeira, do Departamento de Ciências Ambientais.

Esses não foram, contudo, os únicos materiais didáticos levados a Bauru pela FCT. Outro estande que também chamou a atenção do público foi o Laboratório de Anatomia, com manequins que reproduzem o corpo humano. Os bonecos, vindos da Alemanha, permitem aos alunos observarem, numa visão macroscópica, a musculatura, nervação e órgãos internos. No mesmo local, os interessados pela área tiveram a oportunidade de apreciar vitrines repletas de ossos humanos, também estudados nas aulas de anatomia.

E A SAÚDE?

Durante toda a Expounesp, os visitantes puderam submeter-se a alguns testes, como o de diabetes, de hipertensão arterial e até mesmo para detectar anemias hereditárias. Este último, oferecido pelo Instituto de Biociências, Letras e



1

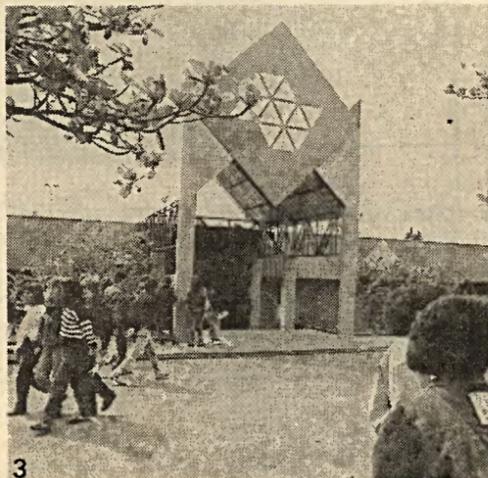
1. Professores Elaine e Pagano, o reitor Paulo Landim e o pró-reitor Ruggiero: abertura oficial

2. Em 700 exames, a constatação de que 2,3% do público era portador da anemia hereditária

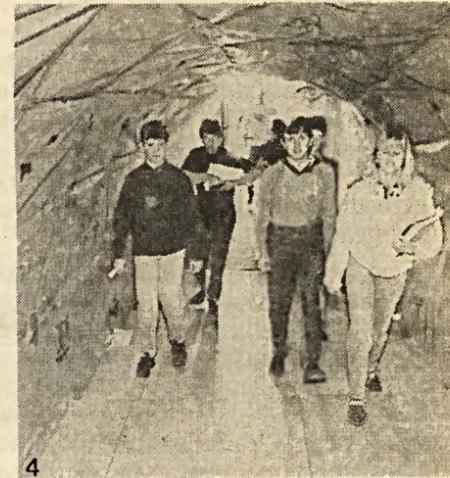
3. O campus de Bauru recebeu mais de 50 mil visitantes durante quatro dias de intensa programação

4. Uma viagem pelo túnel do tempo: o desenvolvimento da informação, da pré-história ao computador

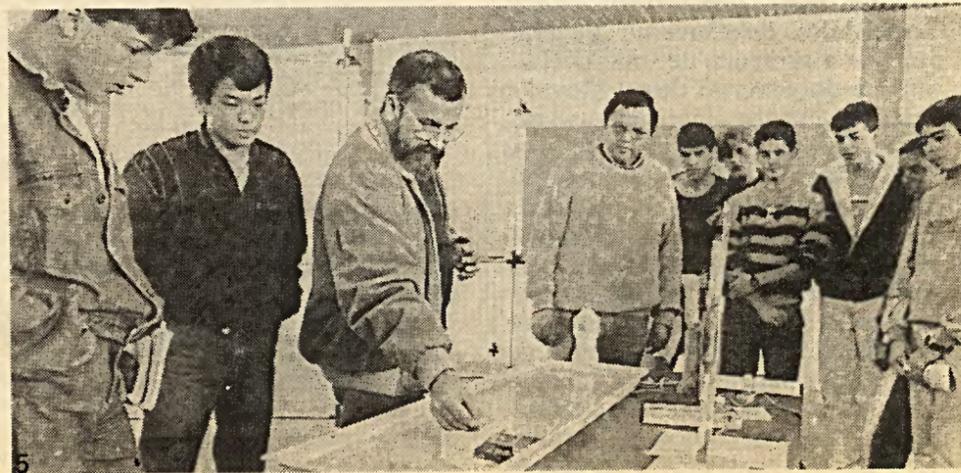
5. Barco termodinâmico: material didático feito com sucata para simplificar o ensino da Física



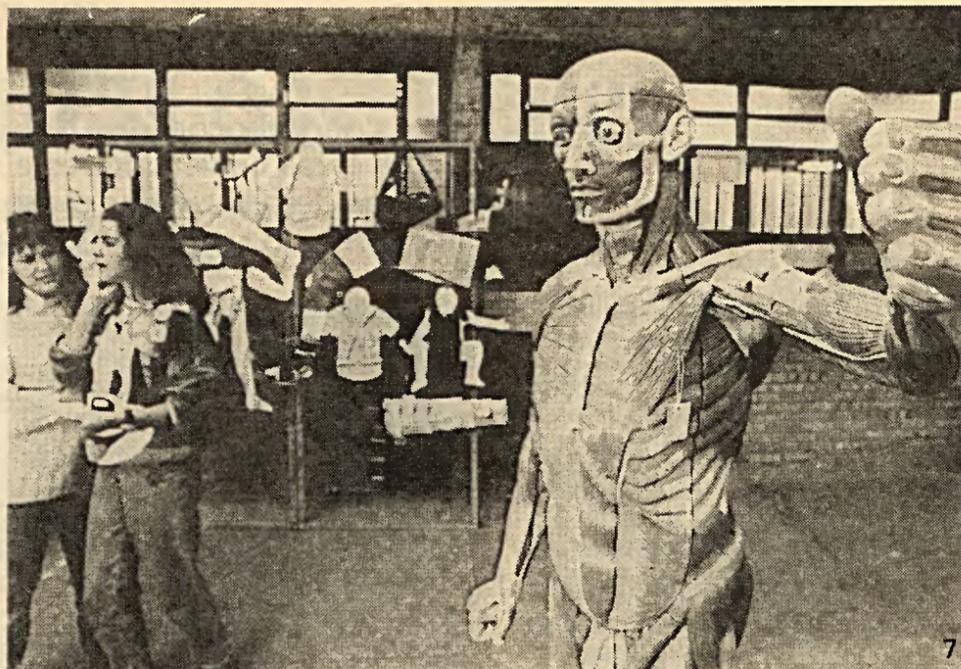
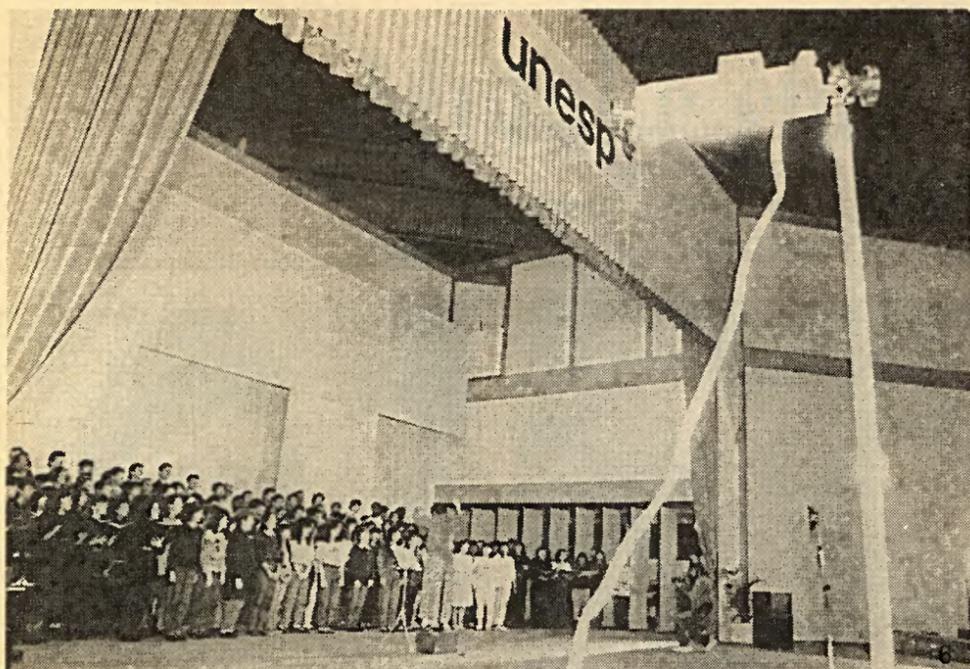
3



4



5



Ciências Exatas de São José do Rio Preto, através de seu Centro de Referência de Hemoglobinas, contou com a colaboração do Departamento de Biologia Geral da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. "Realizamos mais de 700 testes e verificamos que 2,3% das pessoas analisadas eram portadoras de anemia hereditária", contou o professor Firmino Álvares Filho, da FCL.

Mas o destaque nessa área ficou mesmo por conta de um outro teste, que nada tinha a ver com o diagnóstico de doenças. Para explicar a constituição genética dos indivíduos, o professor Celso Marino, do Departamento de Genética do campus de Botucatu, utilizou o exemplo da sensibilidade de cada um ao provar um líquido que continha alcalóide PTC, uma substância extraída do almeirão. "Os que sentem um sabor amargo têm um genótipo dominante — UU ou Uu. E a pessoa que nada percebe tem uma constituição genética recessiva, formada pelos alelos uu", comentou Celso.



6. No anfiteatro "Guilherme Ferraz", a abertura da mostra, com a apresentação de corais
7. Na Laboratória de Anatomia, o estudo da corpo humano com o auxílio de banecos alemães
8. Amarga ou insípida, dominante ou recessiva: na paladar, a definição da herança genética
9. Para os interessados na área de Biológicas, atenção especial às vitrines contendo ossos humanos
10. Detentar de diversas prêmias em exposições agropecuárias, a avino da raça Merina Australiana foi a atração da Veterinária

ANIMAL PREMIADO

Já na área de Veterinária, entre outras atrações, a Expounesp apresentou uma exposição de ovinos, organizada pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal. Em meio aos animais trazidos para a mostra, estava um reprodutor Merino Australiano, de três anos de idade, premiado em diversas exposições agropecuárias. "Essa raça é a que produz a lã mais fina e de melhor qualidade no mundo", disse o professor Américo Garcia da Silva Sobrinho, do Departamento de Produção Animal.

Pela diversidade dos trabalhos apresentados, o presidente do campus de Botucatu, professor Sérgio Nereu Pagano, afirmou que a Expounesp cumpriu seu papel de orientação aos estudantes. "O evento pôde contribuir para despertar vocações ou mesmo fortalecer o gosto por determinada inclinação profissional." Para a professora Elaine Caramella, presidenta da comissão organizadora, a mostra serviu ainda para que a população tivesse uma nova visão da Universidade de Bauru. Agora, com as informações sobre toda a UNESP, eles podem fazer uma avaliação da diferença entre as duas", completou Elaine.

Paulo Cabral e Cleide Souza, de Bauru



Sob a coordenação da UNESP, quarenta pesquisadores de diversas universidades e institutos do país estudam formas de diversificar o uso da mandioca e criam novas técnicas para tornar o seu processamento mais competitivo e menos poluidor

Historicamente a principal cultura alimentícia do país em termos de volume de produção, com cerca de 24 milhões de toneladas colhidas em 1989, a mandioca tem seu lugar assegurado na mesa do brasileiro e também em milhares de pequenas e grandes indústrias de farinha e fécula. Sua cultura, porém, concentrada no Terceiro Mundo, está relegada ao esquecimento pelos países industrializados no que se refere à criação de novas tecnologias de processamento. Para reverter esse quadro, quarenta pesquisadores de universidades e institutos de pesquisa brasileiros, sob a coordenação da UNESP, resolveram centrar forças no aprimoramento desse setor produtivo e reuniram-se em torno de Grupo de Trabalho sobre Pós-Colheita e Processamento de Mandioca. A equipe, formada há um ano, promete mudar as perspectivas de mercado para a cultura da mandioca, diversificando seu uso e criando novas técnicas que tornariam o processo industrial menos poluidor e mais competitivo.

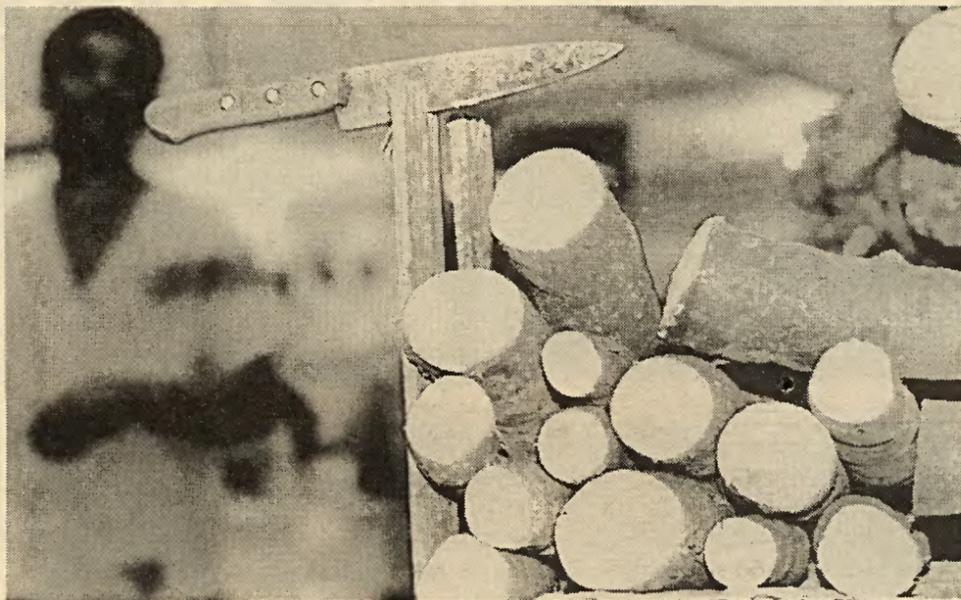
Para driblar as instabilidades do mercado da mandioca no país, os pesquisadores estão procurando formas de tornar a cultura mais abrangente em termos de utilização. "Temos dois grupos de mandioca: a de mesa e a de uso industrial, voltada para o fabrico de fécula e, sobretudo de farinha", diz Marney Pascoli Cereda, docente do Departamento de Tecnologia dos Produtos Agropecuários da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) de Botucatu e coordenadora do grupo, que já funciona como um centro de referência para órgãos públicos e empresas privadas. "Além da indústria alimentícia, mais tradicional, interessam-se também pela fécula a indústria têxtil, para incorporar fibras de tecido, e a de papel, para dar liga às fibras de celulose", explica.

As duas indústrias compõem um mercado novo e promissor para o produto, principalmente em países do Primeiro Mundo. Em nações mais desenvolvidas, a mandioca deixa de ser consumida à mesa na mesma proporção em que é incorporada às matérias-primas utilizadas nos setores têxtil e de papel. "Estamos alertando os produtores para esse novo filão e, de um ano para cá, alguns deles, sobretudo do Paraná, já estão preferindo a fécula", alega-se Marney.

Outro mercado promissor para a mandioca é o da alimentação animal, também pouco explorado. Mário Eduardo Fumes, ex-aluno da FCA e agrônomo da Casa da Agricultura do Estado, em Botucatu, vê nessa alternativa a saída para a agropecuária da região. "A mandioca seria o alimento complementar às pastagens que, em época de entressafra, são normalmente substituídas pelo milho, uma cultura mais cara", diz.

MANIPUEIRA

Mas o principal problema da industrialização da mandioca talvez seja a poluição que ela causa ao meio ambiente através da manipueira, o resíduo líquido de sua manipulação. Altamente tóxica, a



Novos métodos de conservação da raiz: de 48 horas para três semanas



Marney: convênio com a França

Fotos Hélcio Toth

Tecnologia renova cultura da mandioca

manipueira é jogada em grandes quantidades nos rios e constitui risco de envenenamento para vegetais e, principalmente, para peixes. Por isso, tem sido um desafio para os pesquisadores encontrar formas de tratamento e aproveitamento desses restos. "Cada tonelada de mandioca processada produz de 300 a 400 litros de manipueira", revela o agrônomo Mário Takahashi, do Instituto Agrônomo do Paraná, um dos integrantes do grupo.

Trabalhando na Estação Experimental de Paranaíba, no noroeste do Estado, Takahashi está constantemente em contato com o problema em sua região, que concentra 130 farinheiras. "Temos um projeto para tratar a manipueira através de digestão anaeróbia, fazendo com que a matéria orgânica presente no resíduo seja transformada em gás metano", diz. Takahashi afirma ser possível, com o metano, suprir em 5% a demanda de lenha das próprias indústrias que utilizam a madeira para alimentar os fornos na preparação da farinha. Os resultados da pesquisa, que deve ser aprimorada, podem ser comprovados pelo projeto piloto instalado na FCA, onde funcionam uma fábrica de farinha de mandioca modelo e também uma unidade produtora de raspa de mandioca, usada na alimentação animal.

A manipueira, contudo, não é um resíduo esgotado e pode ser uma grande fonte de recursos para as indústrias alimentícia e farmacêutica, como indicam trabalhos realizados pela Faculdade de Ciências do campus de Bauru. Mas é mesmo na agricultura que ela tem mostrado um bom potencial de aproveitamento. Estudos em andamento no Insti-

tuto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto visam obter, a partir da manipueira, um bioinseticida contra lagartas. Além disso, a aplicação da manipueira para eliminar plantas daninhas e outros organismos nocivos à lavoura já vem sendo implementada pela Universidade Federal do Ceará.

Para aprimorar essa prática, a professora Eneida de Assumpção Dall'Aglio, do Departamento de Biologia Aplicada e Agropecuária da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, está desenvolvendo um trabalho no sentido de verificar quais os efeitos colaterais do resíduo. "Preto definir como a manipueira age sobre elementos como a micorriza, por exemplo, um fungo que cresce ao redor da raiz ajudando a planta na absorção de nutrientes", explica.



Fumes: mandioca no lugar do milho

NA MESA

As atividades do grupo envolvem, além da mandioca brava — que concentra maior teor de cianeto e não pode ser utilizada como alimento —, também a mansa, ou de mesa, que pode ser consumida, depois de cozida, sem riscos de intoxicação. As pesquisas vão desde a descoberta de mudas com boas características culinárias e melhor valor nutritivo — realizada pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP e Instituto Agrônomo de Campinas — a formas de armazenamento da raiz, um entrave à sua comercialização.

As mais de cem toneladas de mandioca vendidas diariamente no Ceagesp, por exemplo, são colhidas pela manhã e transportadas à capital à tarde para, no dia seguinte, estarem à disposição do consumidor final. Visando dar maior elasticidade a esse prazo, o grupo adquiriu, através de um convênio entre a UNESP e o Centro Internacional de Agricultura Tropical da Colômbia, uma tecnologia de armazenamento do produto em sacos plásticos, já introduzida no Ceará. "A técnica aumenta o período de conservação de 48 horas para duas ou três semanas", afirma Marney.

Está entre os objetivos do grupo, ainda, a cooperação com organismos internacionais. "A FAO — Food and Agriculture Organization —, ligada à ONU, está analisando um projeto da equipe sobre o uso e tratamento de resíduos de mandioca que prevê, para cada Estado produtor, um laboratório de monitoramento de resíduos e um centro para divulgar pesquisas em Botucatu", conta Marney, que viajará em novembro para a França a fim de firmar um protocolo de intenções com seis instituições de pesquisa daquele país. "Pelo convênio, estudantes franceses poderiam realizar pesquisas em indústrias brasileiras e nós teríamos acesso a seus laboratórios, que são bastante sofisticados", esclarece Marney, lembrando que o grupo está aberto a novos participantes.

Denise Pellegrini



Moral e ética atrás das grades

Normas e convenções que regem a vida nos cárceres

Alguns presos costumam pintar de azul as grades da janela de suas celas. É a maneira que encontram de ver o céu sem a incômoda moldura cinzenta das barras de ferro. Essa atitude, que simula a liberdade onde ela não existe, é muito significativa para Luiz Carlos da Rocha. Professor do Departamento de Psicologia Social e Evolutiva da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do campus de Assis, Rocha ligou o desenvolvimento de sua atividade acadêmica ao estudo da visão e relacionamento dos prisioneiros com seu universo.

O professor prepara hoje sua tese de doutorado, que focaliza como os presos tentam imprimir tons mais suaves ao espaço que têm para viver. "O cárcere é uma instituição total, ou seja, feita para controlar o prisioneiro em todos os aspectos da vida", analisa. "Mas ele tenta fazer da prisão uma instituição parcial." O pesquisador vem recolhendo depoimentos de homens e mulheres que cumprem penas há mais de dez anos. "Acredito que, apesar da brutalidade do cárcere, essas pessoas estão inteiras", expõe (veja entrevistas nesta página). Mais de cinquenta depoimentos já foram coletados por Rocha, basicamente em três presídios estaduais.

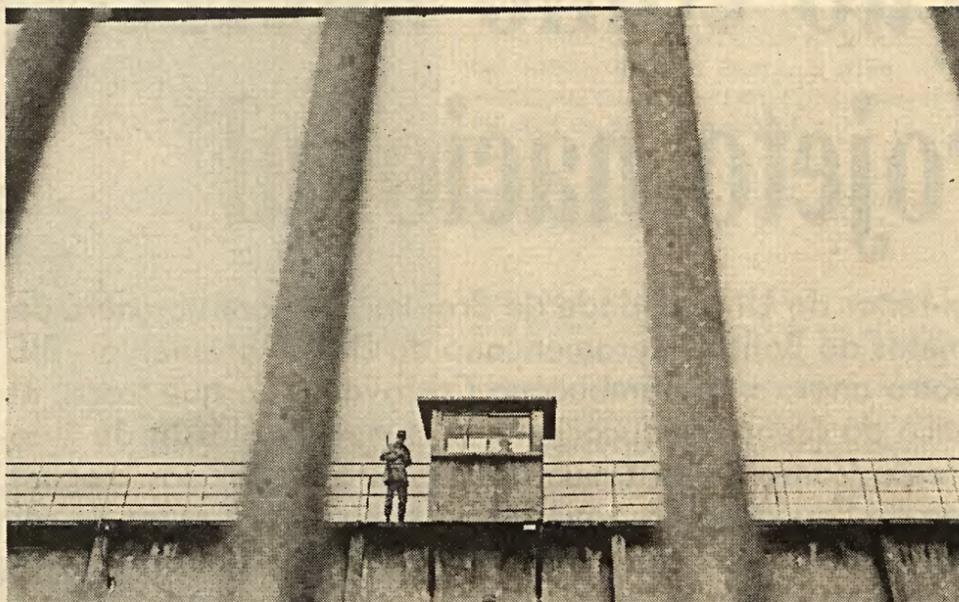
Para se manterem "inteiros", isto é, com sua sanidade mental preservada, os prisioneiros apelam para um recurso essencial a qualquer ser humano, a comunicação. Rocha lembra o caso dos detidos isolados em celas-fortes, que costumam esvaziar a canalização do vaso sanitário: "Assim, podem conversar com outros detentos através dos canos", esclarece. Através desse inusitado meio de comunicação, ainda se passam bilhetes ou até drogas, com sabonetes amarrados em cordões.

Com sua tese, o psicólogo pretende derrubar alguns mitos, como o de que os detentos não mantêm entre si relações de solidariedade. Uma prova expressiva dessa colaboração seria, segundo ele, a organização de um conjunto de técnicas que possibilitam as fugas. "Na técnica conhecida como 'espionagem', por exemplo, o preso foge vestido de mulher durante a troca de guarda", explica. Outra demonstração de colaboração entre os detentos é a atitude de o fugitivo telefonar para a direção do presídio, dando conta de sua evasão. "Isso evita possíveis punições aos colegas que ficaram."

Por trás das normas emanadas da direção do presídio, os detentos se organizam de acordo com uma moral própria. "Nessa escala de valores, o informante ocupa a posição considerada mais desprezível e, por isso, normalmente vive pouco", resume o psicólogo. Nessa organização, germinam regras como a proteção aos deficientes físicos ou a fidelidade amorosa: "As mulheres, principalmente, são fiéis à pessoa amada de uma forma hoje rara", destaca. O espantoso, em alguns casos, é que os "namorados" dessas mulheres são detentos do pavilhão masculino, que elas só conhecem através de sinais trocados das janelas das duas celas.

POBREZA COMO CRIME

Agir sem provocar punições é outro



O prisioneiro não se submete à prisão: a meta é transpor as grades

mandamento básico da moral dos presidiários. "Quando se apresentam a alguma autoridade, os presos costumam ficar de cabeça baixa e com as mãos nas costas", assinala Rocha, ressaltando que essa atitude está longe de representar uma verdadeira submissão do condenado. Da mesma forma, o prisioneiro não se submete à perspectiva de continuar preso, mesmo no caso de penas mais longas: "Eles entram com recursos legais, fazem constantes apelações, mas não deixam nunca de se esforçar para conseguir sua saída", declara o psicólogo.

O dia da visita dos familiares e pessoas mais íntimas representa um momento especial para os presidiários — e, para essa data, eles se preparam durante muito tempo. "Através de uma rede informal de apoio, os presos conseguem ovos, carne, verduras e outros alimen-

tos", revela. "O importante é se apresentar bem para a visita e até lhe oferecer algo para comer."

A tese que Rocha prepara dá continuidade ao tipo de preocupação que definiu sua dissertação de mestrado, baseada apenas em depoimentos de mulheres. No trabalho, apresentado em 1985, as presidiárias fazem relatos da sua vida e relação com o crime, a polícia e a prisão (veja quadro). Uma das hipóteses básicas da dissertação assinala que a criminalidade nasce de uma dinâmica político-econômica, que leva o trabalhador empobrecido a exercer várias atividades, algumas delas consideradas criminosas. A partir dessa análise, Rocha argumenta que "a criminalização dos mais pobres é operada por um processo institucional carcerário-policial".

No seu ponto de vista, a frequência

do roubo é produzida pela própria corrupção dos policiais: "Os ladrões costumam estabelecer contato com a polícia e precisam lhe fornecer parte do que conseguem", declara. Esse processo seria encoberto pela criação de um conhecimento criminológico oficial, a partir de preconceitos contra os mais pobres. Ficariam assim estabelecidas as bases "científicas" para a ocultação da origem da criminalidade, já que, segundo Rocha, todos os traços de miséria são tomados como sinais de perigo criminal.

Na relação polarizada entre os presidiários e o sistema carcerário e policial, o psicólogo não esconde que tomou o partido dos primeiros. Rocha traça pontos de contato entre a situação dos cientistas e a dos marginalizados: "Todo pesquisador de vanguarda acaba perseguido pelos poderosos", argumenta. A história, na opinião do professor, estaria repleta de exemplos dessa relação, como Giordano Bruno e Galileu Galilei, cientistas que, por suas idéias, receberam punições destinadas aos atos vistos como crimes pela sociedade.

André Louzas



Rocha: investindo contra mitos

Fotos Hélio Toth

A crise do sistema penitenciário.

Uma fábrica de criminosos. É com essa definição severa que Oscar Vilhena Vieira, secretário-executivo da Comissão Teotônio Vilela, classifica o sistema penitenciário do Estado de São Paulo. "Mistura-se uma pessoa que roubou um bem qualquer com autores de vários assassinatos", exemplifica Vieira, para mostrar por que, com frequência, os criminosos partem de pequenas contravenções para atos de maior gravidade. A Comissão Teotônio Vilela foi criada em 1983 e investiga abusos cometidos contra os direitos dos presidiários: "Se não for recuperado, o preso voltará à vida social com maior violência", ressalta.

A crise do universo carcerário paulista fica visível nas estatísticas das próprias autoridades. Luiz Wolfmann, coordenador da Coordenadoria dos Estabelecimentos Penitenciários do Estado (Coespe), afirma que existem hoje em São Paulo 21 mil presos em 29 instituições penais estaduais — feitas para abrigar 16 mil pessoas. Ao mesmo tempo, outros 18 mil detentos lotam delegacias e outros locais impróprios à permanência prolongada dos prisioneiros. Wolfmann lembra que o atual governo do Estado deve inaugurar em breve onze novas unidades penais, com capacidade para 600 a 700 presos cada uma. "Isso diminuirá bastante a atual carência de vagas", acredita. Oscar Vieira, no entanto, discor-



Wolfmann: carência de vagas

da da medida: "Os gastos são monstruosos e logo o sistema estará de novo defasado", critica. Ele propõe que os criminosos primários tenham penas alternativas à da prisão, o que ajudaria também a diminuir a superlotação carcerária.

(A.L.)

DEPOIMENTOS

Trechos de depoimentos de duas presidiárias, extraídos da dissertação de mestrado de Luiz Carlos da Rocha:

"Eu tava com uma p... saudade do moleque e fui ver ele. Ele se pendurou no meu pescoço e não me soltou mais. Daí eu falei: 'Vou levar você comigo' e fugi com ele. Foi o maior bochicho. A polícia toda atrás de mim. 'Raptou o menino da creche do governo' e não sei o que mais... (...) Eu tinha oito anos e ele tinha dois. (...) Eu levantava às cinco da manhã e ficava esperando o padeiro e o leiteiro. Daí eu roubava o leite e o pão, esquentava no álcool e acordava ele. Ele acordava sempre rindo — incrível! Não reclamava de nada. Ele era muito parecido comigo."

"Daí comecei a roubar de novo. Roubava mas não ia pra cadeia. Lógico que a polícia tava em cima, me levavam em cana, mas eu dava dinheiro e me soltavam. Deixava um tempo esquecida, aí vinham buscar mais. Então comecei a aprender, que eu não sabia que tinha que dar dinheiro pra eles. Quem não dava apanhava muito, morria."

CRISTOVAM BUARQUE

A Educação como alicerce de um projeto nacional

Engenheiro e economista, ex-reitor da Universidade de Brasília, economista-chefe de avaliação econômica de projetos do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID -, em Washington, durante quatro anos, o pernambucano Cristovam Buarque traça, nesta entrevista, um painel dramático da situação educacional brasileira. Professor de Economia da UnB, presidente do Conselho da Universidade para a Paz, das Nações Unidas, coordenador da área de Educação do governo paralelo do PT, autor de sete livros, entre eles três de ficção, um na área infantil, "o mais subversivo deles", Buarque fala também da necessidade de priorizar-se a Educação sob o risco de enfrentarmos uma crise sem precedentes na história do país.

Entrevista a Paulo Velloso

JORNAL DA UNESP — O senhor tem se batido com insistência pela priorização da Educação, sob o risco de o país naufragar numa tragédia sem precedentes. Poderia explicar essa sua posição?

Cristovam Buarque — Durante as últimas décadas acreditou-se, ingenuamente, que o crescimento econômico traria à reboque a solução para os problemas sociais. E o que vimos foi justamente o oposto, o agravamento desses problemas. Estas questões só poderão ser solucionadas quando a economia estiver subordinada a elas. O problema maior, hoje, é que temos uma população deseducada. Não apenas sem instrução, mas um país onde até mesmo as elites instruídas não são educadas.

JU — Como coordenador da área de Educação do governo paralelo do PT, o senhor foi responsável pela elaboração do Programa Educação Urgente. Como é ele?

Buarque — Nós elaboramos cinco metas básicas. A primeira delas se dirige ao futuro, às crianças, e pretende não ter uma única criança fora de uma escola pública e gratuita de qualidade. Dar educação digna a essas 31 milhões de crianças fora das escolas que a gente tem hoje. Porque não é difícil imaginar o trágico futuro de um país onde apenas uma quarta parte de sua população conseguirá concluir as quatro primeiras séries do ensino básico e só a metade destes poucos concluirá o primeiro grau. A segunda meta é um programa que priorize e modifique a Universidade, transformando-a no que a gente chama de

"Universidade de qualidade comprometida".

JU — O problema do analfabetismo...

Buarque — Esse é o terceiro ponto: um grande programa de alfabetização de adultos. O quarto é um programa de nível médio, para técnicos. Hoje, o aluno do ensino médio é formado como se fosse um apêndice das máquinas, sem senso crítico. Assim, quando as máquinas se tornam obsoletas, eles também ficam sem função. O quinto, que eu acho o mais criativo de todos, é um programa de educação global para os 150 milhões de habitantes brasileiros.

JU — Como seria, na prática, a execução desses pontos?

Buarque — Para a alfabetização infantil seria preciso contratar pelo menos 600 mil professores. Aí você pode perguntar: "mas de onde viriam os recursos?" Temos que fugir dessa armadilha montada pelos economistas. O Brasil tem 600 mil pessoas que eu posso contratar, capazes de dar aula e que estão vivendo, recebendo salário. E, se eles saírem de onde estão, não vão fazer tanta falta.

JU — Quer dizer que não haveria problemas econômicos para essas contratações?

Buarque — Não há problema de recurso real, mas de recursos financeiros. Essa questão pode ser insolúvel, por exemplo, no Haiti, porque lá não se têm as pessoas. Aqui, nós temos os recursos reais, falta ver como é que esses recursos reais vão circular.

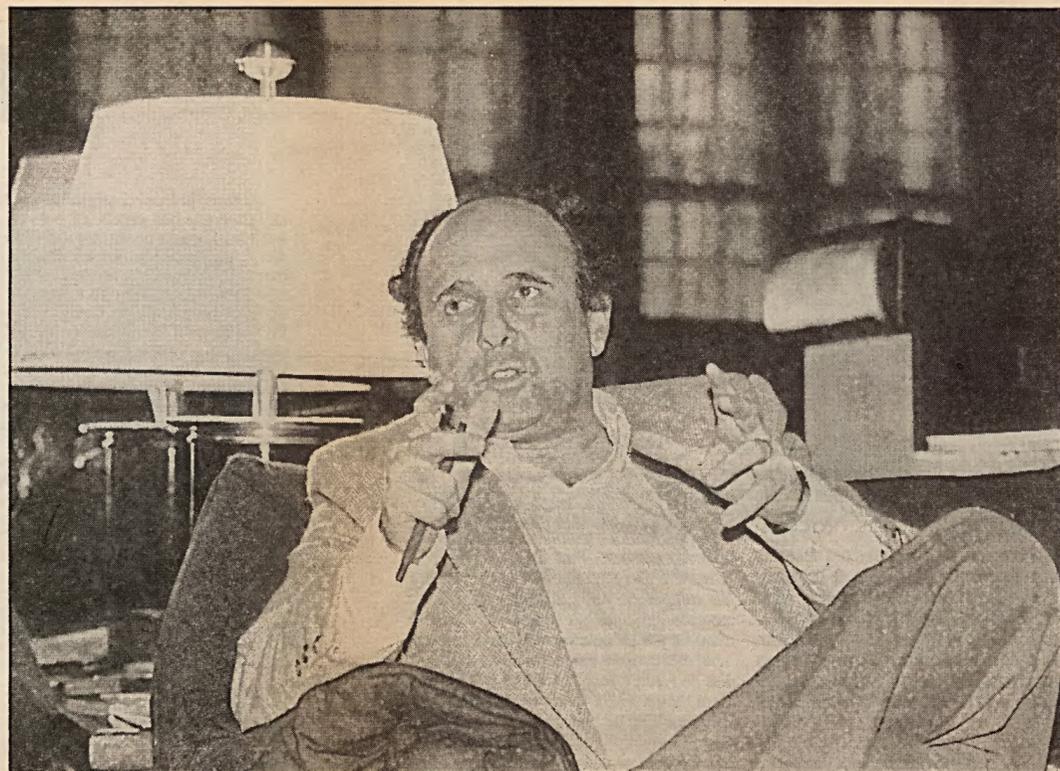
JU — Como seria feito esse giro, como realocar essas pessoas?

Buarque — A crise é tão séria, dramática mesmo, que eu acho que está todo mundo disposto a pagar um preço para vê-la solucionada. Porque todos vão ganhar com isso: monetariamente, ao não ter que pagar escola, eticamente, porque o país recuperará sua dignidade, e existencialmente, porque não vai ficar preocupado, como hoje, com o futuro de seus filhos. Porque, com a educação que os jovens estão tendo, vai ser duro eles enfrentarem a vida e construir um país novo.

“É fácil imaginar o trágico futuro de um país onde apenas uma quarta parte da população concluirá o ensino básico”

JU — Como seria a formação desses 600 mil educadores?

Buarque — A idéia é envolver a Universidade nesse treinamento e dar liberdade para que ela promova suas próprias experiências. Temos uma massa crítica de intelectuais nas universidades capaz de, em seis meses, no máximo, preparar programas de treinamento para todo esse contingente. Um caminho possível é darmos maior apoio às licenciaturas. Em vez de formarmos tantos geógrafos, historiadores, matemáticos, vamos fazer mais pro-



Hélio Toth

Universidade que está totalmente implantada.

JU — Poderia-se dizer que essa experiência está consolidada?

Buarque — Não. Eu diria que isso ainda levará uns dez anos para acontecer. Mas está tudo criado, estabelecido, porque a gente tinha uma universidade tridimensional e comprometida. Agora, as crises vão continuar, porque a crise da Universidade é a crise do projeto nacional.

JU — Como o senhor avaliaria a Universidade brasileira, hoje?

Buarque — É uma Universidade perplexa, uma barata tonta em busca de um projeto ao qual possa servir. Durante as últimas décadas, o Brasil tinha um projeto. Autoritário, concentrador de renda, que fez um "apartheid" social extremamente cruel, mas tinha um projeto. E a Universidade foi servil a esse projeto, formando engenheiros para fazer essas centrais nucleares inúteis, fazendo os agrônomos do agrotóxico, os engenheiros florestais que estão destruindo a Amazônia. O que acontece é que esse projeto falhou e ainda não apareceu outro. Não apareceu um modelo para servir às massas.

JU — O modelo que aí está, então, não serve à população carente nem às elites?

Buarque — Exato, porque o mercado das elites está se reduzindo. Nós temos os melhores arquitetos do mundo, mas não sabemos resolver os problemas básicos de moradia. Com a falência da classe média, esses profissionais, nutricionistas de SPAs, por exemplo, vão ficar desempregados. Não vai ter quem pague por esses serviços. E a Universidade vai ter de municiar a sociedade com técnicas para resolver os problemas mais graves. Terá de desenvolver um projeto educacional, um projeto de saúde, um projeto habitacional, um projeto, enfim, de bem-estar da população.

“Educação significa saber que os homens são iguais, e a elite brasileira ainda não descobriu isso”

JU — Seria possível fazer um balanço desses dois anos de autonomia universitária?

Buarque — Acho que se fez uma democracia para dentro, necessária mas insuficiente. Não demos o passo seguinte, que seria comprometer a democracia interna com a democracia externa, no sentido de promover mudanças no país e servir à população menos assistida. Ao contrário, em muitas universidades a democracia interna surgiu para evitar mudanças. Fica-

fessores de Geografia, História e Matemática. Os meios de comunicação, a televisão, sobretudo, também dariam a sua cota de contribuição, com programas educativos não às seis e meia da manhã, como o Telecurso, que é uma maravilha de programa, mas num horário mais razoável.

JU — Em resumo, essas cinco metas seriam as condições necessárias para o que o senhor chama de "salto para a modernidade"?

Buarque — Salto para uma modernidade, onde a Educação seja o indicador. Porque modernidade não é ter carro de luxo, viver em condomínios fechados por medo de assaltos. Modernidade é não ter analfabetos e gozar de segurança. Para darmos esse salto, a condição básica é uma população educada. O indicador de modernidade não pode ser a qualidade da geladeira, mas a formação de um espírito crítico, do conhecimento das coisas do mundo. Nesse sentido — e não estou aqui defendendo o regime cubano —, Cuba é mais moderna que os Estados Unidos, porque os americanos têm hoje um sistema educacional em crise, que terá 75 milhões de analfabetos no final do século. E em Cuba está todo mundo terminando o segundo grau.

JU — O senhor tem afirmado que o Brasil tem recursos para superar essa crise...

Buarque — Um país que faz Itaipu, uma cidade como Brasília, como é que não tem

dinheiro para fazer escolas, promover a Educação? Temos indústrias de construção civil, de bens industriais, fábricas de caneta, de papel, de lápis. Temos uma indústria gráfica maravilhosa, das melhores do mundo. O que mais é preciso para se promover uma revolução educacional? Temos fábricas com capacidade ociosa, doidas para produzir. A gente poderia ajudar a contornar a recessão educando o povo, com a economia subordinada a resolver um problema social. Fomos educados para poder crescer, agora vamos crescer para poder educar.

“Com a educação que os jovens estão tendo, vai ser duro eles enfrentarem a vida e construir um país novo”

JU — E a situação física das escolas públicas?

Buarque — É preciso também recuperar as escolas deste país, porque não há prédio público pior do que as escolas. Acredito que um país mostre suas prioridades pelos edifícios que constrói. Não estou pedindo escolas de luxo, não. Mas se temos que ser austeros, que a austeridade comece em outro lugar, nos bancos, nos viadutos, nas obras faraônicas. O que não pode ocorrer é todo mundo ter dinheiro e a escola, não.

JU — Como explicar esse estado de total penúria educacional a que chegamos?

Buarque — A partir dos anos 30, depois em 1955 e, finalmente, em 1964, repetimos uma opção: desenvolver a economia deixando de lado os aspectos sociais. Acreditava-se que, quando crescêssemos, resolveríamos os problemas sociais. E esse mostrou ser um raciocínio totalmente equivocado, porque para crescer numa sociedade em que a base da produção são os bens sofisticados e a população é pobre, você tem que concentrar renda e fazer uma economia voltada para 20, 25 milhões de pessoas, abandonando as outras. E o pior é que nossas elites, apesar de instruídas, são deseducadas, não percebem a necessidade das outras 100 milhões de pessoas. É como um racista instruído da África do Sul. Para mim, ele pode ser instruído, mas não educado. Educado significa saber que os homens são iguais, e a elite brasileira ainda não descobriu isso. Ela não se sente culpada, e isso é prova de falta de educação, porque nós somos culpados.

JU — Como foi sua gestão frente à Universidade de Brasília? Parece que o senhor viveu lá momentos de crise...

Buarque — A UnB viveu em crise desde 1964, quando todo seu projeto foi interrompido pelo autoritarismo. Foi preciso bagunçar todo o esquema de funcionamento da Universidade, num grande processo democrático. Foi preciso abrir, acabar com o medo das greves, das críticas. Foi uma proposta de reformulação da

mos numa democracia de umbigo. Por isso é que defendo eleição direta para Reitor. Não porque Reitor eleito é melhor, mas porque esse processo força um debate interno e abre espaço para se construir uma Universidade necessária. Temos que ter espaço até para alguns malucos dizerem que a Universidade não precisa de qualidade. Assim será possível desmascará-los. Populistas, demagogos, todos devem ter seu espaço assegurado, nem que seja apenas para depois desmascará-los. Temos que correr o risco dessas aventuras, porque a pior aventura, hoje, é achar que as coisas estão boas. É melhor a gente experimentar loucuras do que ficar com o aparente bom senso da estagnação.

“A pior aventura, hoje, é achar que as coisas estão boas. É melhor experimentar loucuras do que ficar com a estagnação”

JU — Como seria essa Universidade necessária?

Buarque — Uma instituição em sintonia com a realidade que estamos vivendo, com esse momento de perplexidade, de crise do pensamento e de transformações. Não adianta apenas ter qualidade. O melhor cirurgião plástico de rejuvenescimento tem, para mim, uma qualidade apenas parcial. Mais qualidade tem o médico que saiba resolver o problema das doenças endêmicas, por exemplo. É como eu promover um médico que pesquise a calvície porque eu sou careca. Para mim seria muito bom, mas do ponto de vista nacional seria insignificante. Eu quero a qualidade que faça com que os meninos cheguem à idade de perder o cabelo, porque eles estão morrendo antes dos cinco anos de idade.

JU — Em véspera de vestibular, o que o senhor diria a esses alunos que estão chegando à Universidade?

Buarque — Eu tenho inveja de quem está fazendo vestibular, hoje, porque eu fiz vestibular numa época em que o Brasil só tinha certezas e um projeto acabado, que era construir a utopia do regime de desenvolvimento capitalista dependente. E eu levei muito tempo para descobrir que aquilo era tudo mentira. Hoje, eles vão entrar sem recursos, com cursos deficientes, mas sem mentiras ou ilusões.

JU — Então o quadro é esperançoso?

Buarque — Claro, desde que esse estudante tenha visão crítica suficiente para ver que o país está sem um projeto e disposição para ajudar a construí-lo. Para o estudante acomodado, é uma tragédia estar entrando para uma universidade, agora. Ele vai encontrar conflitos, greves, o diabo. Mas, para o estudante que tem o espírito da aventura, esse é, sem dúvida, o melhor momento possível.

A literatura ocidental, num estudo crítico e rigoroso

O livro *Literatura Ocidental: Autores e obras fundamentais*, de Salvatore D'Onofrio (Editora Ática, série "Básica Universitária", 528 págs., Cr\$ 2.327,00) traça uma síntese da Literatura Ocidental, baseando-se na evolução dos gêneros e períodos literários. Professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) de São José do Rio Preto, D'Onofrio permeabiliza seu texto com a prática da docência e da pesquisa em três constantes: uma visão fundamental e crítica do conhecimento literário, o domínio do instrumental teórico e uma rigorosa estrutura didática. Conhecimento, teoria e didatismo formam, então, as vigas mestras que sustentam essa ousada ponte textual, ligando as margens da antiga Grécia ao lado próximo da produção de nossa época. Vinte e oito séculos e uma travessia pelos pontos fortes (autores e obras) da Literatura Ocidental, passando pelas amarras estruturais dos três macrogêneros: o épico-narrativo, o lírico e o dramático.



Em um projeto de tamanha elasticidade, na concisão de um volume, o autor arma-se estrategicamente da eleição de autores internacionalmente consagrados e de algumas das obras mais significativas da criação literária, deixando de lado os escritores precursores e epígonos. Na caracterização dos sucessivos movimentos literários, dá consistência ao assunto circunscrevendo os pressupostos históricos, filosóficos e sociais que os norteiam. Quando faz os ponteiros sincrônicos, na análise e interpretação de obras, mostra a literatura como forma de conhecimento da realidade, relacionando sempre o fator estético com os valores humanos implicados. Trata-se de um livro de divulgação cultural e tem o mérito de motivar o leitor que, bem situado no quadro evolutivo dos gêneros literários, passa a se interessar pela leitura dos textos originais.

A "Introdução" formaliza uma teorização dos gêneros literários na visão dos principais estudiosos do assunto e apresenta uma definição dos movimentos estéticos. O corpo da obra compõe-se de três partes: Era Antiga, Medieval e Moderna. Na primeira, ao contrário da maioria dos manuais de história das literaturas que se iniciam pelo estudo da Idade Média, o autor prefere remontar sua pesquisa ao núcleo civilizacional grego-romano, origem da cultura humanística, que é a base das tradições da nossa civilização. Tanto a literatura grega quanto a latina são descritas a partir de três fases: origem, apogeu e decadência. Cada fase tem como vetor estrutural os gêneros literários que mais se evidenciaram.

A "era medieval" é introduzida por um painel ilustrativo das causas do declínio da literatura greco-latina, substituída pela romano-cristã, e tem como moldura o delineamento dos valores estéticos e ideológicos da época. Dos textos produzidos nas línguas neolatinas são extraídos os filões narrativos e o esboço formal e conteudístico da lírica trovadoresca.

A última parte globaliza os períodos literários desde a Renascença ao Modernismo e é também descrita sob o apoio estrutural dos macrogêneros. No narrativo, é mostrada a evolução da poesia épica para a prosa ficcional; na trajetória da lírica, é feita a caracterização da mesma em cada movimento estético e, em atos sucessivos, há uma apresentação da produção dramática. Em todo o livro, cada uma das fases abordadas é solidificada por uma análise de um texto representativo, não só cultural e esteticamente, como também do gênero em que ele se inscreve.

O livro cumpre o seu objetivo: intuito paradidático e de divulgação cultural. Destina-se aos professores de segundo grau, vestibulandos e aos estudantes universitários iniciantes nos cursos de Humanas, que encontrarão nele subsídios para um futuro aprofundamento e reflexão sobre o objeto literário.

Sérgio Vicente Motta

Sérgio Vicente Motta é professor de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Vernáculas do Ibilce — São José do Rio Preto.

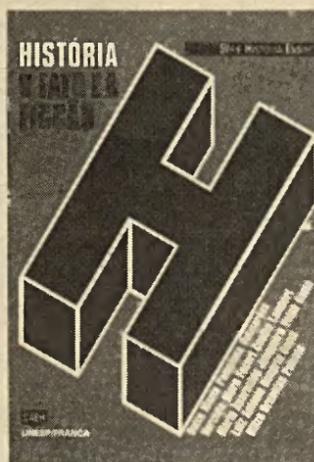
SEMINÁRIOS

Literatura e lingüística, em três eventos

Veiculação cultural e ampliação do espaço de reflexão sobre o fazer literário. Norteados por estas metas básicas, docentes dos Departamentos de Letras Modernas, Letras Vernáculas e Teoria Lingüística e Literária do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do Campus de São José do Rio Preto promoverão, entre os dias 29 de outubro e 1.º de novembro, três eventos interligados entre si: o II Seminário Regional de Lingüística, o XI Seminário Regional de Literatura e a II Semana de Letras.

O Seminário de Lingüística, em torno do tema "Descrição do Português Oral e Escrito", será aberto às 9 horas do dia 29, com a mesa-redonda "Aspectos da descrição do Português oral no Brasil", que contará com as participações de Maria Luíza Braga (Universidade Federal Fluminense), Descir Pedro de Oliveira (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) e Maria Helena de Moura Neves (UNESP - Araraquara). Às 20 horas haverá a conferência "Questões de análise do discurso", por Sírio Possenti (Unicamp). No dia 30, às 9 horas, José Borges Neto (Unicamp) discorrerá sobre "Visão crítica da história da lingüística" e, às 20 horas, docen-

ESTANTE



História: fato ou ficção?

Resultante das atividades científicas desenvolvidas na Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca, acaba de ser lançado o livro *História — O Fato e a Ficção*. Reunindo pesquisas elaboradas por docentes que se dedicaram à reciclagem de professores de História da rede oficial de ensino, o volume busca refletir, através de elementos fornecidos pelo cinema, música, literatura, televisão e jornais, os conteúdos fundamentais desenvolvidos nos cursos. São os seguintes os artigos aqui enfeixados: "Cinema e Historiografia: as versões da escravidão", de Herclídia Lambert (também a coordenadora dos trabalhos); "Imagens da Canção Popular: a resistência ao trabalho", de Dulce Pamplona Guimarães; "Visões da História na Imagem Televisiva", de Milza Bruxellas Peixoto; "O Direito e o Averso no Texto Literário", de Maria Aparecida Veiga Gaeta; e "O Jornal: estratégia para a construção da história", de Luiz Antonio Cecci.



Poemas e magia

Definido pela própria autora como "uma tentativa de reencontrar a totalidade perdida", *Território Mágico* (João Scoretcci Editora, 93 páginas) é o quarto livro de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio. Professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Assis, ela explora aqui, em poemas, um universo místico presidido pela magia e por símbolos esotéricos. Passeando com desenvoltura por temas como a psicanálise de Freud e Jung, o I Ching, a Cabala e o Tarô, Maria Lúcia busca respostas para as perplexidades de "um mundo destrutivo, injusto e violento". Para o também poeta Cláudio Willer, "seu texto mostra que ainda é possível uma poesia confessional (da qual o 'desnudamento' é uma metáfora)". Além de Willer, a lírica de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio já colheu elogios de Marcos Rey, Joyce Cavalcante, Antonio Candido e Carlos Drummond de Andrade, que anotou: "O seu belo poema tocou este velho coração".



Dostoevski, por Alexandre Barbosa

tes da Unicamp debaterão a questão da oralidade e da produção escrita.

O Seminário de Literatura, que abordará o tema "O Discurso literário como espaço da interdisciplinaridade", será aberto às 9 horas do dia 31 com um debate em torno do conto "Soroco, sua mãe, sua filha", de João Guimarães Rosa, com a participação de psicólogos e literatos de diversas universidades. A partir das 20 horas, Yudith Rosebaum fa-

lará sobre a obra de Manuel Bandeira na conferência "Uma poética da ausência", onde, lançando mão da psicanálise, sobretudo das teorias de Freud e Lacan, analisará o processo de criação. No dia 1.º de novembro, a partir das 9 horas, Ana Mae Barbosa abordará questões envolvendo o tema "Literatura e outras artes". Encerrando o seminário, João Alexandre Barbosa discorrerá, a partir das 20 horas, sobre alguns aspectos da obra do escritor russo Fiódor Dostoevski na palestra "O discurso literário como espaço da interdisciplinaridade".

Finalmente, na II Semana de Letras, promovida por alunos do Ibilce, serão ministrados minicursos e diversas comunicações, além da projeção de filmes relacionados com a literatura e shows.

De acordo com um dos organizadores, professor Aguinaldo Gonçalves, o evento é destinado prioritariamente a alunos da graduação e pós-graduação e a professores da rede oficial de ensino. "Nossa finalidade é complementar a formação básica dos alunos, com informações extracurriculares, e promover um esforço sempre renovado de reciclagem dos professores de 1.º e 2.º graus", enfatiza.

MÚSICA

O maestro e professor Samuel Kerr, 55 anos, assumiu há mais de vinte um desafio que tornou-se a principal característica do seu trabalho: aproximar a música — no seu caso, o canto coral — do universo sonoro compartilhado pela maioria das pessoas. Nessa trilha, Kerr também estabeleceu um novo modo de ensinar o canto, que põe por terra conceitos como “afinação” e “cantar bem”. A didática do maestro, disseminada no Instituto de Artes (IA) da UNESP, em São Paulo, onde ministra aulas de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral, propõe a busca da individualidade através do canto.

Ainda na tentativa de integrar a prática acadêmica à realidade sonora das ruas, Kerr desenvolve vários projetos em teatro e em espetáculos musicais. Atualmente, assina a direção musical de *Mulheres de Hollanda*, espetáculo em cartaz no Ópera Room, em São Paulo, onde trabalhou com as canções que abordam a mulher na obra do compositor Chico Buarque de Hollanda, ao lado do diretor teatral Naum Alves de Souza. “Essas atividades trazem um grande retorno para meus alunos”, diz. “Não quero me transformar num professor de gabinete.”

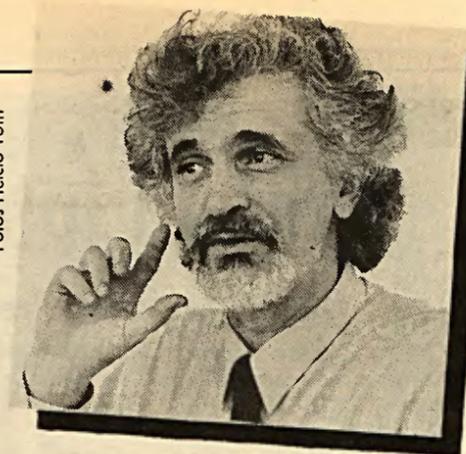
O maestro acha que, antes de impor um nível de excelência, o professor deve saber explorar os recursos de cada aluno, para que a atividade coral seja um retrato fiel da realidade musical. “Hoje em dia, ninguém acha que sabe cantar porque o mercado fonográfico criou situações irreais, onde a voz tem um volume absurdamente maior que a orquestra”, comenta. Segundo ele, as pessoas se decepcionam com suas próprias vozes porque têm solidificados os padrões impostos. “Já ouvi muita gente dizer que não tem voz, mas à medida que participam da construção de um momento sonoro, acabam despertando suas potencialidades.”

Esta maneira de ver o canto norteou a concepção dos coros da UNESP, que existem em quatorze campus da Universidade. Os grupos já se juntaram em vários encontros corais, onde o maestro desenvolveu idéias co-



Doze mulheres no palco, dirigidas por Kerr (foto menor, acima)

Fotos Hélio Toth



coral com Robert Shaw. Em 1975 ele passou a integrar a Faculdade de Música Maestro Julião, que, no ano seguinte, foi incorporada pela UNESP, transformando-se no Instituto de Artes. Entre outros trabalhos, foi regente da Orquestra Jovem Municipal, em 1972, e diretor de espetáculos como *Hans Staden no País da Antropofagia* (1971), *Jesus Cristo Superstar* (1972), *Aurora da Minha Vida* (1981), e *Beijo Abraço Aperto de Mão* (1982), as duas últimas dirigidas por Naum Alves de Souza.

HERMÉTICO

A experiência de Kerr com vozes muito diferentes foi determinante para que ele fosse convidado por Naum Alves de Souza para assinar a direção musical do espetáculo *Mulheres de Hollanda*, em cartaz desde agosto último. Afinal, entre bailarinas, instrumentistas e cantoras, são doze mulheres no palco, todas elas cantando pelo menos uma parte das 21 canções do musical. “Samuel fez todos os arranjos vocais, respeitando as nuances de cada uma das componentes do elenco”, recorda Tânia Bertassoli, a pianista do espetáculo, que se formou no IA em 1988.

Outro espetáculo que teve direção musical de Kerr foi *Elsinore, Variações Sobre o Tema Hamlet*, dirigido por William Pereira, que encerrou a temporada no início de setembro, em São Paulo, e usou músicas de autores tão díspares como Bach e *The Doors*. “O importante, em *Elsinore*, é que foi dado um grande espaço para a improvisação dos cantores”, revela o professor, ressaltando que o tema (que trata das impressões do elenco sobre a tragédia de Shakespeare) conferiu um caráter hermético ao espetáculo. Mas como o hermetismo não é o forte no *modus operandi* de Kerr, ele recomenda que as pessoas não quebrem a cabeça para apreender o significado de trabalhos do gênero. “O jeito é deixar a obra de arte falar por si mesma”, finaliza.

Marcelo Burgos

O canto de todos os dias

A técnica do maestro Samuel Kerr, em *Mulheres de Hollanda*

mo a recuperação da memória musical das cidades onde estão situados os campus, mostrada, sob a forma de canções, no Terceiro Encontro Coral, na cidade de Jaboticabal, em 1980. Kerr também organizou o Coro dos Funcionários da Reitoria, em 1979, cuja proposta é integrar os setores dos órgãos centrais da Universidade.

“O CORAL MORREU”

Não deixa de ser surpreendente ouvir, de uma pessoa tão ligada a corais, que “o coral morreu”. Kerr acredita que, hoje, existe um “cantar junto” bem diferente da formação coral nos padrões antigos, e diz que sua experiência tem nessa idéia sua principal vigia de sustentação. Para ele, é muito importante que o regente e o professor deixem de repre-

sentar figuras absolutas no processo musical. “A faculdade de artes já é uma coisa irreal, que pressupõe uma linha de montagem de artistas”, reflete.

Para chegar a esta visão, Kerr percorreu uma trajetória ligada à música desde a infância. “Aos seis anos já cantava no coro da Igreja Presbiteriana e, aos treze, tocava piano”, lembra. A experimentação começou quando ele foi convidado para reger o Coro de Estudantes de Medicina da Santa Casa, em 1964. “De uma visão litúrgica do canto, passei a conhecer outras sonoridades”, comenta. Sua formação também passou pelos seminários da Pró-Arte, de onde saíram mestres como o maestro Isaac Karabitchevski, e pela Universidade de Oakland, em Detroit, nos Estados Unidos, onde estudou regência

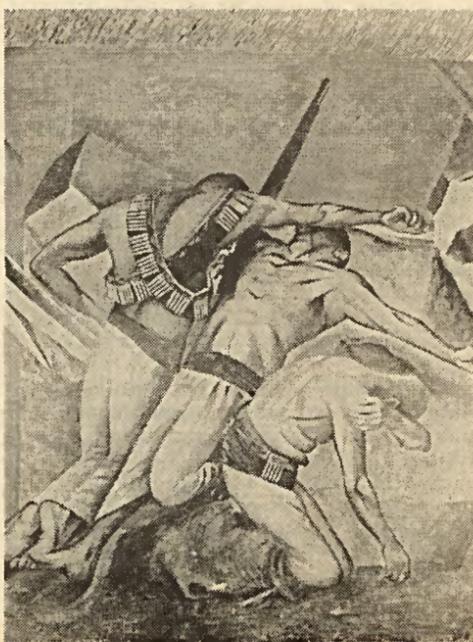
ENCONTRO

A historiografia latino-americana em debate

Numa iniciativa conjunta das três universidades estaduais paulistas — UNESP, USP e Unicamp —, será realizado, entre os próximos dias 22 e 26 de outubro, o V Encontro de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe. O tema geral do evento, que tem como objetivo principal fortalecer a área de estudos latino-americanos no Brasil, é “Dilemas e Desafios da Historiografia Latino-Americana Atual”.

Para este encontro, apresentaram-se mais de 110 inscritos interessados em divulgar seus trabalhos, sendo que oitenta deles vêm do exterior, representando quinze países. “O interesse com que estes estudiosos responderam ao nosso convite é uma demonstração clara da demanda que existe em torno do assunto”, diz John Monteiro, coordenador do Cela — Centro de Estudos Latino-Americanos, da UNESP —, co-promotor do evento.

Apesar do interesse a respeito do tema, os estudos latino-americanos, como informa Monteiro, não têm se desenvolvido como deveriam, e esse fato ele atribui a várias dificuldades. “A principal delas talvez seja o fato de os países da América Latina, sobretudo o Brasil, estarem muito mais voltados para os Estados Unidos e para os grandes centros eu-



Desafios e dilemas latino-americanos

Orozco/Acervo Biblioteca “Mário de Andrade”

ropeus do que para seus vizinhos”, considera. Outros problemas que têm dificultado a evolução dessas pesquisas seriam a ausência de uma bibliografia atualizada e a falta de intercâmbio entre as comunidades acadêmicas desses países.

E foi justamente pensando em minimizar estas lacunas que organizou-se o encontro. Nele, deverão ser divulgados avanços feitos na última década, em termos de pesquisa, aprofundados contatos profissionais com entidades produtoras e empreendida busca de respostas concretas para perguntas que, segundo Monteiro, ainda não foram satisfatoriamente respondidas. “Vamos nos questionar, por exemplo, sobre o que representa, de fato, essa integração de que tanto se fala”, enfatiza o professor.

Durante os quatro dias do V Encontro de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe, serão expostos e debatidos temas como “Economia Colonial”, “História do Cotidiano e da Consciência Popular”, “Formação do Estado Nacional”, “Democracia, Socialismo e Transição” e “Política Externa” (na segunda-feira, dia 22). Na terça, serão abordados os seguintes assuntos: “A Escravidão e Culturas Afro-Americanas”, “Men-

talidades e Cultura Popular”, “Cidades e Processos de Urbanização”, “Populismo e Autoritarismo” e “Integração Latino-Americana”. Na quarta, dia 24: “História da Mulher e da Família”, “História e Literatura”, “Formação do Proletariado e Movimento Operário”, “Imigração e Migrações Internas” e “O Capitalismo na América Latina”. Finalmente, na quinta-feira, dia 25: “Políticas Indígenas na América Colonial”, “Intelectuais e Política”, “Questão Agrária e Movimentos Sociais no Campo”, “Industrialização, Acumulação e Dívida Externa” e “Historiografia”. No dia 26 serão realizadas reuniões com os grupos de trabalho e uma assembléia geral da Adhilac — Asociación de Historiadores Latino-americanos y del Caribe.

A partir desse evento, o Cela, conjuntamente com a Adhilac, pretende desenvolver outros projetos na área. “Vamos investir na formação e atualização de nossa bibliografia e sistematizar a divulgação de informações através de boletins e da publicação periódica de uma revista, que será a porta-voz da associação”, garante Monteiro.

As atividades do encontro serão realizadas sempre a partir das 9 e das 14 horas, no Departamento de História da USP.



ACORDO

Projeto integra três níveis de ensino

UNESP assessora Prefeituras na criação de sistema educacional gratuito

Numa iniciativa inédita no cenário educacional do Estado, a UNESP e a Fundação para o Desenvolvimento da UNESP — Fundunesp — associaram-se às Prefeituras de dez municípios do leste paulista visando a criação e implantação de um subsistema regional de ensino. O projeto, que contará com a assessoria técnica da UNESP, prevê o estabelecimento de um sistema educacional gratuito e integrado, desde a pré-escola até o nível superior. Para tanto, está prevista a captação de verbas dos próprios municípios e também de órgãos estaduais e agências financiadoras. A assinatura do acordo ocorreu no dia 14 de setembro último, em Vargem Grande do Sul.

A experiência da UNESP na integração com os graus de ensino que precedem a universidade vem sendo aprimorada há cerca de quatro anos pelos Núcleos de Ensino, que trabalham junto às escolas da rede pública de cidades onde a Universidade mantém campus. Além disso, o grupo de professores que coordena os Núcleos já atua também em São José do Rio Pardo, onde foi criado, há dois anos, o Centro de Pesquisa em Educação Escolar, através de convênio entre a UNESP e a Prefeitura local.

“Foi a partir desse trabalho em São José do Rio Pardo que a proposta do subsistema foi gerada, visando não apenas o município, mas toda a região”, diz Odair Sass, coordenador do grupo que, através da Fundunesp, irá implementar o projeto. Além de São José do Rio Pardo, participam da iniciativa as cidades de Casa Branca, Divinolândia, Itobi,



Nagle: pela regionalização



Arthur (com o microfone): busca de opções

Mococa, Santa Cruz das Palmeiras, São Sebastião da Gramma, Tambaú, Tapiratiba e Vargem Grande do Sul.

Entre os objetivos prioritários, o acordo prevê um diagnóstico da situação do ensino na região, a elaboração de um programa de atualização de docentes da rede municipal e a formulação de um modelo jurídico, administrativo e financeiro que viabilize a associação entre os municípios. Esse consórcio, segundo Odair Sass, beneficiaria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo e a Faculdade de Pedagogia de Mococa que, apesar de serem municipais, cobram mensalidades dos alunos. “Através do consórcio, essas faculdades, que formam os quadros do magistério da pré-escola ao 2.º grau para as dez cidades, poderão se transformar em verdadeiras instituições de ensino público. Como elas já têm um caráter de atendimento regional, passariam a ser geridas regionalmente também”, diz.

Os prefeitos, por sua vez, têm se mostrado otimistas quanto ao projeto. “Essa é uma iniciativa pioneira, que pode vir a servir como exemplo para o resto do Estado”, afirma o prefeito de Mo-

coca, Francisco Guerra. “A UNESP dará amparo técnico a um projeto que, sabemos, necessitará de bastante vontade política”, admite.

SEM ENCAMPAÇÕES

Através de ações dessa natureza, a UNESP está criando uma alternativa para o problema das instituições municipais de ensino superior em crise, que clamam pela estadualização. “Apesar de a situação não nos permitir encampá-las, a Universidade não ignorará o problema”, explica o vice-reitor Arthur Roquete de Macedo. “A UNESP irá prestar um serviço a essa região, com uma proposta de ensino integrado nos três níveis”, justifica.

Para o presidente da Fundunesp, professor Jorge Nagle, a regionalização do ensino facilitará aos municípios resolverem o problema da educação através da ação conjunta. Além disso, para ele, será um grande passo para o desenvolvimento econômico e social do interior de São Paulo. “O Estado deve se desenvolver como um todo. A tendência de só a Grande São Paulo crescer e o interior caminhar a passos lentos já acabou”, acredita Nagle.

PRÊMIO

IA leva arte brasileira ao Japão

Universidades e museus japoneses terão, neste mês de outubro, uma pequena mostra de como anda a arte brasileira. Detentor do principal prêmio do 6.º Salão Brasileiro de Arte, promovido pela Fundação Mokiti Okada, Alcindo Moreira Filho, professor do Departamento de Expressão e Comunicação do Instituto de Artes (IA) de São Paulo, partirá, dia 15, para uma visita a nove cidades do Japão levando, a tiracolo, seu conjunto de obras — “Dobro do Infinito I, II e III”.

A fundação, que promove o evento a cada dois anos, reuniu um júri integrado por artistas e críticos como Olívio Tavares de Araújo e Leonor Amarante, que determinou, entre os mais de 800 artistas inscritos, que enviaram 2.490 obras, aqueles que seriam agraciados com o prêmio viagem e com os prêmios aquisição. “A importância dessa premiação está na possibilidade de mantermos um valioso intercâmbio com artistas de outro país”, avalia Alcindo, que já expôs seus quadros em cidades como Madri e Washington. Durante sua estada no Japão, o professor proferirá palestras sobre a arte brasileira e visitará museus e galerias.

Alcindo desenvolve, há mais de dez anos, trabalhos com colagens envolvendo materiais como papel, palitos, areia, tecidos e sucata. “Cada um dos trabalhos premiados tem cerca de 6 mil botões pregados com 12 mil pregos, numa composição que envolve também tintas e outros materiais”, descreve. Além de Alcindo, outro professor do IA, Percival Tirapelli, teve um de seus trabalhos, “Mitologia Grega”, classificado para a mostra.

A exposição, com 135 obras de 51 artistas, ficará aberta à visitação até o dia 28 de outubro. A Fundação Mokiti Okada fica à Rua Morgado de Mateus, 77, em São Paulo.



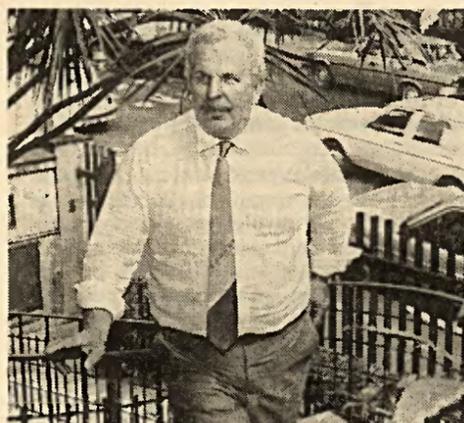
Alcindo: prêmio e palestras no Japão

VESTIBULAR

Especialistas discutem novas propostas para exames

Realizar um dos mais conceituados vestibulares do país exige tempo e trabalho. Para aprimorar ainda mais os exames dos próximos anos, a Pró-Reitoria de Graduação e a Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) estão promovendo, de agosto a novembro, seminários em que se avaliam as provas já feitas e se propõem inovações. A análise é organizada por áreas e já foram discutidos os campos de Biologia, Matemática, Física e Química. Nos próximos dias 23 e 24 de outubro serão focalizados os setores de História e Geografia, enquanto as questões relativas a Inglês e Francês estarão em debate nos dias 6 e 7 de novembro.

“Queremos avaliar com exatidão os conhecimentos do aluno oriundo do 2.º grau”, sintetiza Arif Cais, professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do campus de São José do Rio Preto e assessor da Pró-Reitoria de Graduação. A esse esforço de afinidade com o ensino secundário, o diretor-presidente da Vunesp, professor Carlos Felício Vanni, acrescenta a necessidade de se definirem com clareza os objetivos de cada prova, “de modo a selecionar o candidato que corresponda ao perfil desejado pela Universidade”. Cais e Vanni são dois dos parti-



Vanni: seleção do candidato ideal

cipantes dos Seminários, ao lado do pró-reitor de Graduação, professor Antonio Cesar Perri de Carvalho, e do diretor-superintendente da Vunesp, José Fausto Baptista Domingues. Nos encontros também estão presentes dois representantes da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (Cenp) da Secretaria de Educação e docentes da UNESP ligados ao ensino de cada área,

cujo número, de acordo com o seminário, varia entre quinze e doze professores.

Os encontros têm esmiuçado questões como a adequação das provas aos programas oficiais de 1.º e 2.º graus, além dos princípios norteadores de cada exame. “Discutimos, por exemplo, se a solução dos problemas de Física exige prioritariamente o uso de conceitos ou de fórmulas a serem memorizadas”, relata o professor Cais. Os docentes participantes dos seminários também são consultados sobre que detalhes do último vestibular devem ser mantidos ou alterados. É ainda posta em pauta a formação da banca que formula as provas e da que faz a sua correção.

As informações geradas por esse levantamento, de acordo com o professor Vanni, se condensam em relatórios que começam a ser enviados à Vunesp e à Pró-Reitoria de Graduação. Os resultados têm sido proveitosos, como declara o professor Cais: “Recebemos, por exemplo, sugestões como uma melhor distribuição das questões pelas diversas subdivisões da Biologia, como Morfologia e Genética”, expõe. Uma das consequências desse trabalho deverá ser a elaboração de um manual de orientação das bancas que preparam e corrigem os vestibulares.

SERVIÇO

Pelo telefone, tudo sobre os vestibulares

A UNESP abriu um canal direto de comunicação com seus vestibulandos. Trata-se do Disque-Vestibular, um serviço de atendimento telefônico exclusivo da Universidade para prestar informações sobre seus cursos e seu vestibular. Instalado na Reitoria, o serviço começou a funcionar no dia 1.º de outubro e se estenderá até o dia 22, quando se encerra o período de inscrições. O Disque-Vestibular funciona das 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira, e seu número é (011) 35-4535.

ENCARTE

Outra iniciativa visando incrementar o relacionamento da UNESP com a comunidade foi a veiculação, na *Folha de S. Paulo*, no dia 7 de outubro, do jornal *UNESP Agora Vestibular*. Dirigida não só aos vestibulandos, mas à sociedade em geral, a publicação informa sobre a atuação da Universidade no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços.

SEMINÁRIOS

Encontros discutem o ensino

A reflexão sobre o ensino — definida como uma prioridade da UNESP em 1990 — entrou em uma nova etapa. Entre setembro e novembro de 1990, estão se realizando os Seminários de Ensino de Graduação, que se distribuem por quatro grandes áreas: Exatas, Agrárias, Humanidades e Biológicas e Saúde. Promovidos pela Pró-Reitoria de Graduação, eles propõem a divulgação da pedagogia universitária, ao mesmo tempo que estimulam a reflexão sobre os currículos e os projetos de auto-avaliação dos cursos.

Esse processo de análise e discussão se irradia a partir dos Conselhos de Curso de Graduação, que trocam entre si informações e idéias sobre suas experiências específicas no campo do ensino. "O conjunto de seminários se enquadra em nossa proposta de consolidação dos Conselhos de Curso de Graduação", enfatiza o professor Antonio Cesar Perri de Carvalho, pró-reitor de Graduação. Na opinião do professor Perri, os Conselhos devem ser os responsáveis pelo bom andamento do ensino em todos os cursos.

O primeiro Seminário ocorreu em Jaboticabal, entre os dias 18 e 19 de setembro, e enfocou a área de Agrárias. Nos dias 10 e 11 de outubro, foi a vez de Biologia e Saúde, no campus de Araçatuba. As discussões envolveram representantes de todos os cursos que compõem esses setores, além de docentes e alunos do próprio campus. "Somente no encontro de Jaboticabal, 71 pessoas participaram dos trabalhos", contabiliza o professor Perri, animado com os resultados desse Seminário, em que foram marcadas reuniões específicas para os cursos idênticos de várias unidades, como Medicina Veterinária e Zootecnia.

Coordenador do Seminário da área de Biologia e Saúde, o professor Miguel Madeira, da Faculdade de Odontologia do campus de Araçatuba, aponta a importância desse tipo de evento: "A comunidade universitária quer um fórum de debates para discutir sua área e expor suas experiências", argumenta. Madeira acha essencial a análise das propostas de ensino e até mesmo de mecanismos que estimulem o desempenho dos docentes: "O professor deve, por exemplo, ter à sua disposição recursos didáticos modernos, além da perspectiva de ascensão na carreira", diz.

O próximo Seminário a ser realizado é o de Humanidades, nos dias 18 e 19 de outo-

bro, no campus de Marília. O evento será aberto às 15 horas do dia 18, pelo pró-reitor de Graduação. Das 16 às 22 horas, a professora Célia de Figueiredo Bastos, da Universidade Federal Fluminense, debaterá o problema da auto-avaliação e gestão de cursos, um assunto que ela voltará a tratar no dia seguinte, entre 8 e 12 horas. No dia 19, das 14 às 18 horas, a professora Raquel Volpato Serbino, do Instituto de Biociências, do campus de Botucatu, analisará as licenciaturas da UNESP e as conclusões dos Grupos de Trabalho do I Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, ocorrido em maio. O Seminário de Exatas acontecerá em Ilha Solteira, nos dias 6 e 7 de novembro.

O professor Perri destaca a relação estreita entre os Seminários e o processo de auto-avaliação em andamento na UNESP. Segundo o pró-reitor, um dos temas básicos desses eventos são as propostas de modificação curricular, articuladas a partir da avaliação que professores e alunos fazem de seus cursos: "Já houve sugestões, como a reformulação do currículo dos cursos de Zootecnia", exemplifica. Outra atividade da Pró-Reitoria de Graduação que converge para o estudo das questões pedagógicas é a discussão, em todas as unidades da UNESP, do texto do reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, sobre o Ano do Ensino: "Nossa meta é elaborar um documento com diretrizes para a Universidade nessa área", explica o professor Perri. O documento deverá nascer de uma discussão final no dia 28 de novembro, comandada pelo reitor e com a participação dos presidentes das Comissões de Ensino.

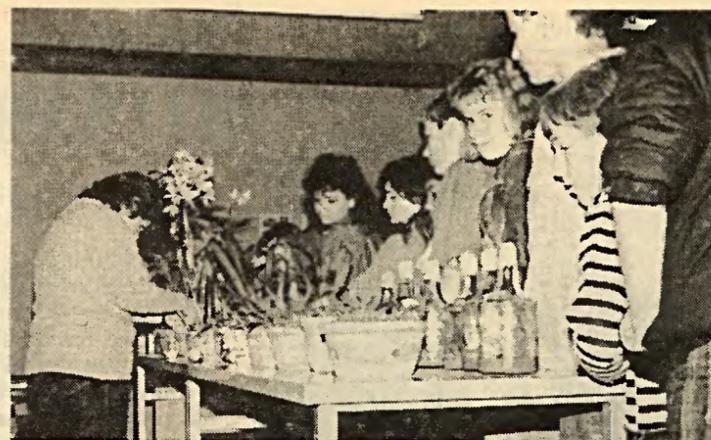


Professor Perri: reflexão pedagógica

Lilo Claret

INTEGRAÇÃO

Compus de Rio Claro: experiências atraíram cerca de 10 mil pessoas



Fotos Divulgação



Laboratório de Elétrico, em Ilha Solteira: contato com equipamentos

Uma experiência de sucesso no contato com estudantes

A UNESP abriu suas portas a milhares de estudantes de escolas de 1.º e 2.º graus de todo o Estado, durante os meses de agosto e setembro últimos. A iniciativa fez parte do programa *Venha nos Conhecer*, criado para expor aos vestibulandos diferentes opções de cursos e carreiras e também para divulgar à comunidade as atividades desenvolvidas pela UNESP. O evento, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, foi realizado em doze unidades de dez campus, reunindo cerca de 30 mil pessoas.

Segundo o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Carlos Ruggiero, o programa previa que cada unidade convidasse as escolas de sua cidade e região para a visita. "Durante o evento, os estudantes tiveram uma visão geral da UNESP, através da exibição do vídeo institucional e, particularmente, da unidade que estavam visitando", explica. Ruggiero menciona ainda que alguns campus realizaram ou ainda promoverão o *Venha nos Conhecer* fora dos meses de agosto e setembro.

Nesse bimestre, puseram o programa em prática a Faculdade de Odontologia de Araçatuba, a Faculdade de Odontologia e a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, a Faculdade de Ciências e Letras de Assis, a Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, a Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, o Instituto de Biociências e o Instituto de Geociências e Ciências Exatas

de Rio Claro, o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto e o Instituto de Artes de São Paulo.

MELHORES ALUNOS

Cada unidade seguiu um esquema diferente para mostrar aos visitantes o que se desenvolvia no campus. "O que mais chamou a atenção foram os laboratórios de anatomia e fisiologia e as clínicas de atendimento", explica o professor Ronaldo Melhado, vice-diretor da Faculdade de Odontologia de Araçatuba. Em algumas unidades, a receptividade ao programa foi tão grande que, mesmo depois de concluído, as solicitações de visitas não param de chegar, como em Ilha Solteira. "Depois de encerrado o *Venha nos Conhecer*, estamos abrindo nosso campus às escolas e mostrando aos secundaristas como funcionam os cursos de Agronomia e Engenharia", diz o vice-diretor Luiz Correa.

A unidade que mais estudantes reuniu, no entanto, foi o Instituto de Biociências de Rio Claro. "Com a ajuda de 160 universitários, recebemos um público aproximado de 10 mil pessoas nos três dias de programa", avalia a vice-diretora Maria Neysa Stort. Para o pró-reitor Ruggiero, a repercussão do evento foi surpreendente. Apesar de ter como meta resultados a médio prazo, o professor acredita que os efeitos possam ser sentidos já no próximo vestibular. "Queremos que mais candidatos se interessem por nossos cursos, para que tenhamos os melhores alunos em nossas salas de aula", conclui.

ENCONTRO

O diálogo entre Biologia e Filosofia

A área biológica não é um campo fechado em si mesmo. O encontro Biologia e Filosofia, que acontecerá no dia 31 de outubro, no anfiteatro do Instituto de Biociências, campus de Botucatu, vai discutir como essa área se relaciona com o universo das Ciências Humanas. Com inscrições gratuitas abertas a todos os interessados o evento é uma promoção do curso de pós-graduação em Genética, do Grupo de Biologia Teórica, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Academia de Ciências do Estado de São Paulo.

Na abertura do encontro, às 10 horas, haverá a conferência "O conceito de auto-organização" com o professor Michel Debrun, da Unicamp. Às 14 horas, ocorrerá uma mesa-redonda, com os expositores Romeu Guimarães - cujo tema será "Linguística das interações moleculares" - e Alfredo Pereira Júnior - que abordará "Linguagem molecular e o

problema cérebro-mente", além do debatedor Katsumasa Hoshino. Outra mesa-redonda acontecerá às 16 horas, tendo como um dos expositores João Teixeira - analisando o tema "O que é epistemologia evolucionária" - e como debatedor Gilson Volpato. Todos os participantes das mesas-redondas, com exceção do professor João Teixeira (UNES/Marília) são ligados à UNESP/Botucatu.

"O encontro pretende buscar, dentro da Biologia, a matéria-prima para que as Ciências Humanas se desenvolvam com maior fundamentação", assinala Romeu Guimarães, que junto com Alfredo Pereira Júnior está organizando o evento. Ao mesmo tempo, de acordo com Guimarães, esse contato interdisciplinar "poderá ajudar a Biologia a questionar seus princípios". Os dois professores poderão fornecer maiores informações aos interessados, no telefone (0149) 22-0555 (ramais 229 e 232).

CONVÊNIO



Rastelli: visitas aos campus da UNESP

A Universidade e a empresa privada

Integração entre universidade e iniciativa privada. Esse foi o ponto de interesse imediato que reuniu a UNESP e a Universidade Nacional de La Plata (Argentina) em um convênio de cooperação científica, cultural e educacional. O documento foi assinado no dia 17 de setembro último, na Reitoria da UNESP, pelo secretário geral da universidade argentina, engenheiro Carlos Marcelo Rastelli, e pelo reitor Paulo Milton Barbosa Landim. Pelo acordo, as instituições devem integrar-se em atividades e programas de pesquisa de interesse comum e no aprimoramento do ensino de graduação e pós-graduação.

A cooperação entre a UNESP e a segunda maior universidade argentina — que conta com 50 mil estudantes e 7.500 docentes — tem alguns precedentes. Pesquisadores do Instituto de Física Teórica, em São Paulo, já mantinham um intercâmbio com seus colegas argentinos e, do contato entre as duas reitorias, surgiram interesses mais amplos, inclusive na troca de experiências sobre projetos que envolvessem a iniciativa privada. “Já trabalhamos com o setor público, mas estamos particularmente interessados em transferir tecnologia para empresas privadas”, resume Rastelli.

Segundo o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, Arthur Roquete de Macedo, essa é uma tendência surgida na Europa há uma década e, no Brasil, há cerca de cinco anos. “As empresas sentiram necessidade de se modernizarem com a introdução de novas tecnologias. Em contrapartida, as universidades possuíam os recursos humanos necessários sem, porém, contar com os financeiros”, explica.

A iniciativa privada argentina, contudo, tem se mostrado relutante em aceitar a nova prática e, por isso, o interesse de Rastelli se concentrou, num primeiro momento, nas formas de abordar o empresariado e quebrar sua resistência. Para ter uma idéia dos programas já desenvolvidos pela UNESP, juntamente com os setores público e privado, nas áreas de Agronomia, Medicina Veterinária e Medicina, o secretário geral argentino visitou os campus de Jaboticabal e Botucatu.

EXTENSÃO

Centro de Diagnósticos

O CDI, de Botucatu, beneficiará milhões de pessoas

A Faculdade de Medicina (FM) do campus de Botucatu terá, em breve, um dos melhores centros de diagnóstico do país. No dia 26 de setembro último, a FM inaugurou um prédio com cerca de 350 metros quadrados destinado a abrigar um aparelho de ressonância magnética nuclear que está em fase de instalação. Foi entregue também à comunidade parte de uma outra ala, o bloco H, onde serão instalados equipamentos de radiologia especializada. As obras fazem parte do Centro de Diagnóstico por Imagem (CDI), que terá ainda pronto-socorro, hemocentro, setor de endoscopia e recepção independentes do Hospital das Clínicas (HC).

Segundo o vice-diretor da FM, professor Luiz Antônio Vane, o aparelho de ressonância magnética nuclear — que começará a ser usado dentro de quatro meses — é um dos três disponíveis em todo o país. “O aparelho, bastante sofisticado, beneficiará cerca de 3 milhões de pessoas do oeste do Estado de São Paulo, norte do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul”, diz Vane. “O equipamento”, ele assegura, “possibilita todo tipo de diagnóstico por imagem, desde um traçado de eletrocardiograma até uma tomografia computadorizada.”

Na mesma data, foram inauguradas diversas outras obras. O prédio da cirurgia experimental, utilizado por docentes na realização de pesquisas; a unidade de hemodiálise, que aumentou em dez o nú-



Dinah, Arthur, Belluzzo e o reitor Landim

mero de vagas para esse tratamento; a seção social médica, reservada a assistentes sociais; o aposento para mães participantes, destinado às mães de crianças internadas no setor de pediatria; e a enfermaria da gastrocirurgia, com cerca de quarenta leitos.

As obras, iniciadas no final de 1986, contaram com recursos da própria FM, da Reitoria e da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. O secretário Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo esteve presente às inaugurações, assim como a diretora da FM, Dinah Borges de Almeida, o reitor Paulo Milton Barbosa Landim, o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, Arthur Roquete de Macedo, diretores das unidades universitárias do campus de Botucatu e diversas autoridades do município.

POSSE

Campus de Bauru tem nova diretora

A Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) do campus de Bauru tem uma nova diretora. A professora Lúcia Helena Oliveira Gerardi, do Departamento de Planejamento Regional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) de Rio Claro, foi empossada, em caráter *pro-tempore*, no último dia 1.º de outubro, em solenidade realizada na Reitoria. Lúcia substitui o professor Telmo Correia Arrais, que assumirá a instalação do curso de Cultura Brasileira junto à Universidade de Tenri, no Japão.

Durante a cerimônia, o reitor Paulo Milton Barbosa Landim elogiou o professor Telmo por sua atuação frente à direção da unidade e afirmou ter indicado a professora Lúcia para substituí-lo por sua competência e dedicação. “Meu desejo é que seu sucessor não seja escolhido dessa maneira, mas pela própria comunidade”, declarou. A FAAC, por não ter um número suficiente de docentes titulados, não pode constituir formalmente seus departamentos e a congregação.

Esse é, inclusive, o maior desafio para a nova diretora. “Pretendo criar condições para que a Faculdade se institucionalize, evitando que professores de



Telmo e Lúcia: substituição na FAAC

fora tenham que assumir sua diretoria”, disse Lúcia, informando que a criação do curso de pós-graduação, com início previsto para 1991, foi um grande passo nesse sentido.

UNESP NO JAPÃO

O professor Telmo Correia Arrais embarcou para o Japão no dia 10 de outubro para dar prosseguimento ao convênio firmado entre a UNESP e a Universidade de Tenri, visando à criação do primeiro curso de graduação em Cultura Brasileira daquele país. “O objetivo do curso é formar japoneses especializados em cultura brasileira”, explica o professor. “O curso, com duração de quatro anos, terá sua primeira turma em 1993”, prevê Telmo.

AGENDA

ARAÇATUBA

• 22 e 29/11. Curso: “Direito e Legislação”. Inscrições gratuitas de 12 a 20/11. Promoção da Comissão Especial dos Cursos de Atualização e Aperfeiçoamento dos Servidores Técnico-Administrativos.

ASSIS

• 21 a 25/11. Simpósio Brasileiro de Subjetividade e Práticas Sociais. Promoção dos Departamentos de Psicologia Clínica e de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar.
• 30/11. Recital com Canções do Romantismo Alemão. Promoção do Departamento de Letras Modernas - Área de Alemão.

BAURU

• 23/11. Dança, na FC: “30 em Movimento”. Promoção da CAC local e Diretório Acadêmico da FC.
• 29/11. Apresentação Artística, na FET: “Grupo Moxotó”. Promoção da CAC local.

BOTUCATU

• 5 a 26/11. Oficina de Cerâmica com aulas práticas, na FM. Promoção da CAC local e Departamento de Patologia.
• 6/11. Show Musical (com a participação de alunos, docentes e funcionários), no IB. Promoção da CAC local.
• 7/11. IV Encontro de Pesquisadores da UNESP na Área de Alimentos, na FCA. Promoção do Departamento de Tecnologia dos Produtos Agropecuários.
• 20/11. Recital de Piano com Fúlvia Escobar, no IB. Promoção da CAC local.
• 21/11. Seminário, no IB: “Avaliação do Rendimento Acadêmico na FCA - Botucatu”, com a professora Ana Maria de Almeida. Promoção do Departamento de Educação.

FRANCA

• 5 a 10/11. Ciclo de Cinema: “A Arte de Cacá Diegues”. Promoção da CAC local e Cineclubes Universitário Lumière.
• 7 a 9/11. 1.º Concurso de Contos de Franca e Região. Promoção do Centro de Estudos Gabriel Roy.
• 19 a 24/11. Ciclo de Cinema Inglês. Promoção da CAC local e Cineclubes Universitário Lumière.

JABOTICABAL

• 5 a 9/11. Seminário de Nutrição de Peixes, com o professor Dalton José Carneiro. Promoção da FUNEP.
• 7/11. Curso: “Tópicos Gerais sobre Terapêutica Veterinária”, com o professor José Jurandir Fagliari. Promoção da FUNEP.
• 9/11. Curso: “Dia de Campo sobre Ovinocultura”, com o professor Américo Garcia da Silva Sobrinho. Promoção da FUNEP.
• 19 a 23/11. Simpósio de Histologia de Peixes, com a professora Heid Sueli Leme dos Santos. Promoção da FUNEP.
• 22/11. Curso: “Adução Foliar”, com o professor Euclides Caxambu Alexandrino de Souza. Promoção da FUNEP.
• 22 e 23/11. Curso: “Plasticultura: Nova Tecnologia Agrícola”, com os professores Jairo Araújo e Paulo Castellane. Promoção da FUNEP.
• 26/11. 1.º Curso de Manejo Integrado de Nematóides: Noção e Controle de Nematóides, com o professor Dmitry Tihohod. Promoção da FUNEP.

PRESIDENTE PRUDENTE

• 19 a 22/11. 1.ª Semana Zumbi. Promoção dos Departamentos de Cartografia e Planejamento.

RIO CLARO

• 22 e 23/11. Festival Arte e Expressão, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física.

SÃO PAULO

• 10/11. Palestra sobre Música Contemporânea, com Marisa Fonterrada, no IA. Promoção do Departamento de Música e Diretório Acadêmico Manuel Bandeira.
• 12/11. Palestra sobre Música Contemporânea, com Carlos Kater, no IA. Promoção do Departamento de Música e Diretório Acadêmico Manuel Bandeira.
• 19/11. Palestra sobre Música Contemporânea, com Graham Griffiths, no IA. Promoção do Departamento de Música e Diretório Acadêmico Manuel Bandeira.

Avaliação universitária

Com ela, cursos podem ser melhorados ou fechados. Mas, se isto ocorrer, será dentro de padrões iminentes à qualidade na produção de serviços

Roberto Romano

A universidade suscita muitos debates sobre o que nela se faz. Poucas análises estão à altura do objeto abordado. A investigação completa, neste campo, exige prudência. A vida acadêmica, como todo outro agrupamento, abriga gente de todos os matizes. A maioria dos pesquisadores dedica-se à invenção dos saberes, alimenta o frágil espírito brasileiro. Mas existe o lado oposto. Na pressa ideológica, universitários constantemente reduzem a ciência ao estatuto de simples ferramenta para os partidos, igrejas e setores genericamente nomeados como "a" forma civil. Neste contexto, o tema explosivo — avaliação universitária — mostra todos os seus perigos.

Em São Paulo, temos o exemplo da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Nela, a partir de projetos bem feitos de pesquisa, confia-se nos proponentes. A seguir vem a cobrança operacional, através da avaliação pelos pares. "Avaliar", na FAPESP, dá-se por um processo iminente, ininterrupto, sempre unido ao saber. Ela desconhece "especialistas em avaliação". A comunidade inteira verifica os resultados, através de assessores recolhidos em todas as áreas do conhecimento.

Deste modo, perde sentido falar-se em "elitismo" ou "compromissos sociais", fora da produção estrita no plano científico e tecnológico.

Além disso, a FAPESP rompe qualquer relação de compadrio "interna cor-



Marcos Marques

poris". Projetos e relatórios de pesquisa são apreciados por reconhecidos profissionais, alheios ao local de trabalho dos proponentes. Um físico julga o trabalho de um físico. Mas se o primeiro deles pertence à UNICAMP, o segundo estará na USP, UNESP etc. Respeita-se a iminência do juízo, evitando o costumeiro favor.

São afastados o cartorialismo e a prevenção, ambos previsíveis em seres humanos, sobretudo neste país, onde a regra é a violência sectária, avessa a qualquer espírito público.

A Universidade Federal de Minas Gerais surpreende, portanto, agradavelmente, ao realizar, com lucidez e coragem, uma avaliação global de seus cursos de pós-graduação, num espírito semelhante à nossa melhor agência de fomento à pesquisa. Tudo foi feito com extrema cautela, durante mais de dois anos. Foram empregadas técnicas estatísticas e análises históricas, sociografia e métodos de administração. O inquérito foi dirigido por uma filosofia plural sobre o campo científico. A UFMG reuniu

entre pares uma equipe coordenadora, cujos membros possuem reconhecido saber nas várias áreas existentes na universidade. Pessoas capazes de captar defeitos em cada um dos cursos. Esta comissão independe dos órgãos burocráticos. Isto evita a ingerência destes últimos, deastroza habitualmente.

Com base na coleta preliminar dos informes, foram observados todos os setores da pós-graduação. As primeiras análises foram enviadas aos interessados, recebendo respostas, justificativas, visando alterar o "modus operandi" habitual. Reunidos os dados, a coordenação cruzou-os com rigor extremo. Obteve um retrato dos cursos. Este não é lição nem catastrófico. Mas evidencia falhas graves no trabalho docente e de pesquisa. Por outro lado, mostra que a universidade pública não é uma reunião de indolentes que esconderia, com pedidos de verbas, a preguiça e a ignorância em seu interior.

Num tempo em que o governo federal prima pela ausência absoluta de política acadêmica, e o Ministério da Educação só ameaça a universidade, a UFMG mostrou coragem, discutindo publicamente seus cursos, no todo e nas partes. Solicitou, ademais, ajuda externa. Foram pagos assessores de outras instituições para verificar a qualidade e a quantidade das pesquisas, teses etc. produzidas por ela. Também serviram como indicadores os dados originários da Capes, CNPq, FINEP e outras agências de auxílio à ciência.

O trabalho identificou, nas várias faces da pós-graduação, os cursos "consolidados", os que se encontram "em ascensão" e os "problemáticos". Um dos últimos, o de Direito, destaca-se pelo "número excessivo de áreas de concentração (13), para apenas 27 professores. Além disso, poucos são os professores com capacidade efetiva de orientação, recaindo o trabalho sobre alguns poucos, o que vem se refletindo no baixo número de teses produzidas. Em 1987, ape-

nas uma tese de mestrado foi defendida, e três de doutorado em 1988... A composição do corpo docente apresenta problemas que são únicos em programas de pós-graduação na UFMG. A endogenia é assustadoramente elevada, pois, dos professores do curso, apenas dois são titulados fora da UFMG (pág. 34 do relatório final).

Cito a área de Direito apenas para indicar o rigor do processo avaliativo. Outros setores também receberam juízos severos, acompanhados de recomendações práticas e acadêmicas visando sanar seus problemas. O diagnóstico final, embora às vezes impiedoso, mostra coragem inaudita. Mas não desce à perseguição dos indivíduos. Trata-se de análise institucional responsável. Com ela, cursos podem ser melhorados, ou chegar ao fechamento. Mas se isto ocorrer, será dentro de padrões iminentes à qualidade na produção de serviços.

O livro que traz esta experiência, "Avaliação da Pós-graduação na UFMG — 1987/1989", precisa ser lido urgentemente por quem se empenha nos vários "campi" brasileiros. Os interessados pela obra devem escrever para Pró-reitoria de Pós-graduação da UFMG - Reitoria, 7.º andar, Campus da Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627. Belo Horizonte, MG. CEP 31270. Ou pedi-la pelos telefones (031) 441-2902 ou 448-1429. Ela pode inspirar caminhos seguros para a avaliação acadêmica. Sem produtivismo estreito, evitando a tolice populista. Talvez, com semelhantes cautelas, a universidade possa chegar ao final do presente governo sem maiores danos. É difícil, mas possível para quem resistiu com bravura aos regimes de exceção. Isto não pode ser esquecido.

Roberto Romano, filósofo, é professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro "Brasil: Igreja contra Estado".

Este artigo foi originalmente escrito para o jornal Folha de S. Paulo.

TESES, DISSERTAÇÕES E CONCURSOS

DOCENTES

- **Mayra Furian** (IQ-Araraquara): "Terpenos das tomas de *Guarea Trichiloides* Linneu (Meliaceae)". Banca: João Batista Fernandes, Raimundo Braz Filho, Vicente de Paulo Emerenciano, Zenaide Scatone Ferreira e Nidia Franca Roque. **Doutorado**, dia 16 de maio, na USP.
- **Raimunda Abou Gebran** (FCL-Assis): "Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo... — O ensino da Geografia nas séries iniciais do 1.º grau". Banca: Luís Carlos de Freitas, Lucila Schwantes Arouca e Rosália Maria Ribeiro de Aragão. **Mestrado**, dia 5 de junho, na Unicamp.
- **Maria Amália Ramos Tozoni Reis** (FCL-Assis): "Atividades e estratégias desenvolvidas por universitários para aprender a falar Francês — Um estudo de relatos verbais". Banca: Sidney Camargo, Maria José Rodrigues Faria Coracini, Vojislav Alexandar Jovanovic, Norma Hochgreb e João Teodoro D'Olim Marote. **Doutorado**, dia 22 de junho, na USP.
- **Fernando Carlos de Lander Schmitt** (FM-Botucatu): "Efeito do jejum prolongado na etapa de iniciação em um modelo de hepatocarcinogênese química em ratos". Banca: João Lauro Viana de Camargo, Marcos Rossi, João Carlos Prolla, Édson Reis Lopes e Venâncio Ferreira Alves. **Mestrado**, dia 26 de junho, na FM.
- **Giuseppina Pace Pereira Lima** (IB-Botucatu): "Efeito do ácido giberélico e etileno em alguns aspectos bioquímicos e fisiológicos de plantas de arroz (*Oriza sativa* L. c.v. IAC 4440) cultivados *in vitro*". Banca: João Domingos Rodrigues, Oswaldo Garvão Brasil e Jose Antônio Proença Vieira de Moraes. **Mestrado**, dia 28 de junho, no IB.

cos e fisiológicos de plantas de arroz (*Oriza sativa* L. c.v. IAC 4440) cultivados *in vitro*". Banca: João Domingos Rodrigues, Oswaldo Garvão Brasil e Jose Antônio Proença Vieira de Moraes. **Mestrado**, dia 28 de junho, no IB.

• **Stéfio Pacca Loureiro Luna** (FMVZ-Botucatu): "Avaliação da associação levomepromazina, midazolam e éter glicélico guaiacol, com e sem ketamina, na indução à anestesia geral volátil pelo halotano em eqüinos". Banca: Flávio Massone, Gladys Bastos de Castro e Luiz Antônio Vane. **Mestrado**, dia 29 de junho, na FMVZ.

• **Avelino Leonardo da Silva** (FCL-Assis): "Repertório comportamental de pombos (*Columba livia*) em cativeiro: efeitos e lesões telencefálicas". Banca: Elenice Aparecida de Moraes Ferrari, Katsumasa Hoshino e Renato Marcos Enduzzi Sabratini. **Mestrado**, dia 2 de julho, na Unicamp.

• **Ana Sílvia Alves Meira Tavares Moura** (IB-Botucatu): "Estudo genético de características de produção em coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) da raça Selecta". Banca: Rinaldo Polastre, Ronaldo Dessimoni Carregal e Alcides de Amorim Ramos. **Mestrado**, dia 2 de julho, no IB.

ALUNDS

• **José Batista de Sales** (FCL-Assis): "A confissão de Lúcio: narrativa poética". Banca: Jorge Cury, Carlos Alberto Iannone e Suelly Fadul Villibor Flory. **Mestrado**, dia 2 de maio, na FCL.

• **Amâncio da Silva Júnior** (FCA-Botucatu): "Comportamento hidrológico de pequenas bacias de drenagem". Banca: Paulo Rodolfo Leopoldo, Dinival Martins, Antônio Marozzi Righetto, Dirceu Brasil Vieira e Ivan do Amaral Guerrini. **Doutorado**, dia 31 de maio, na FCA.

• **Almira Alves dos Santos** (FO-Araraquara): "Avaliação histopatológica em dentes de cães portadores de lesões periapicais crônicas (obtidas experimentalmente) frente a curativos com tricresol formalina". Banca: Roberto Miranda Esberard, Pedro Felício Estrada Barnabé, Norberti Bernardineli, Walderício de Mello e Lourdes Aparecida Martins dos Santos Pinto. **Doutorado**, dia 6 de junho, na FO.

• **Sergehi Antonio Juiz** (IQ-Araraquara): "Obtenção e caracterização de cerâmicas Pb3MgNb2O9". Banca: José Arana Varela, Oswaldo Luiz Alves e José Octávio Armani Paschoal. **Mestrado**, dia 6 de junho, no IQ.

• **José Luís Chiaradia Gabriel** (IB-Rio Claro): "Composição florística e estrutura fitossociológica do estrato arbóreo de mata mesófila semidecídua de encosta, no município de Botucatu, SP". Banca: Sérgio Nereu Pagano, Hermógenes de Freitas Leitão Filho e Reinaldo Monteiro. **Mestrado**, dia 8 de junho, no IB.

• **Isabel Cristina Fröner** (FO-Araraquara): "Morfologia comparativa do canal radicular do pré-molar superior humano, após instrumentação manual e ultra-sônica, usando o modelo de acetato de vinila". Banca: Homero Habel Rodrigues, Roberto Miranda Esberard e Antônio

Carlos Bombana. **Mestrado**, dia 13 de junho, na FO.

• **Eliana Maria Nicolini** (IB-Rio Claro): "Composição florística e estrutura fitossociológica do estrato arbóreo e mata mesófila semidecídua no município de Jahu, SP". Banca: Sérgio Nereu Pagano, Carlos Alfredo Joly e Oswaldo César. **Mestrado**, dia 13 de junho, no IB.

• **Ernesto Ferreira de Oliveira** (FCL-Assis): "A poesia latina de Dom Aquino Corrêa". Banca: Júlio Comba, Dante Tringalli, José Perozim, Celso Pontara e Ênio Aloisio Fonda. **Doutorado**, dia 28 de junho, na FCL.

• **Reinaldo dos Santos Volpi** (FM-Botucatu): "Padronização de modelo experimental de artropatia induzida pela imobilização contínua do joelho, em coelhos". Banca: João Lauro Viana de Camargo, Shoití Kobayasi e Gilberto Luís Camanho. **Mestrado**, dia 29 de junho, na FM.

• **Carlos Ferreira Damião Filho** (IB-Rio Claro): "Efeitos do herbicida Lactofen sobre aspectos biológicos de três cultivares de soja *Glycine max* (L.) Merrill". Banca: Graci Mirian Corso, Adelita Sartori Paoli, Margarida Maria Benincasa, Ricardo Victória Filho e Robinson Antônio Pitelli. **Doutorado**, dia 29 de junho, no IB.

• **Alaide Aparecida Fonseca Gessner** (IB-Rio Claro): "Estudo comparativo da morfologia e da histologia do tubo digestivo das larvas de *Cerambycidae* (Coleoptera) e sua importância na classificação". Banca: Ubirajara Ribeiro de Souza, Angélica Maria Martins Dias, Carminda da Cruz Landim, Sérgio Vanin e Walter Ribeiro Terra. **Doutorado**, dia 6 de julho, no IB.

PALEONTOLOGIA

Fóssil poderá contestar teses clássicas

A descoberta pode ser o elo entre os antigos répteis e os atuais mamíferos

Às vezes, em pequenos objetos se esconde um grande valor. A descoberta do professor Reinaldo Bertini, do Departamento de Geologia Sedimentar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IG-CE), do campus de Rio Claro, por exemplo, cabe na ponta de um dedo. Em julho de 1988, ele encontrou o fóssil de um pedaço da mandíbula de um animal que viveu no Cretáceo, período da história da Terra que durou de 240 milhões até 66 milhões de anos atrás. Esse pequeno fragmento é hoje o mais antigo resquício ósseo da presença de mamíferos no Brasil. Por isso, seus poucos milímetros crescem muito de importância quando vistos pela ótica da Paleontologia, a ciência que estuda os fósseis, peças minerais que guardam os traços dos seres vivos de antigas eras do planeta.

Com idade entre 80 milhões e 90 milhões de anos, o pedaço de osso fóssil pertence a uma espécie desconhecida de mamífero placentário, isto é, que desenvolve o embrião dentro da placenta. Para o professor Jorge Ferigolo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se o achado de Bertini tiver sua idade confirmada, será uma importante prova de contestação de algumas teses paleontológicas clássicas. "Essas teorias asseguram que a maioria dos grupos de mamíferos sul-americanos se originou no Hemisfério Norte", afirma. Ferigolo explica que o fragmento poderá confirmar a ligação entre os répteis mamaliformes — dos quais os mamíferos se originaram — e os atuais mamíferos da América do Sul, apontando o desenvolvimento autóctone desses animais.

"Ainda nem demos nome a essa nova espécie, que devia ter no máximo uns 20 centímetros de tamanho", declara Bertini, mencionando os outros dois "pais da criança": Larry Marshall, do Instituto de Origens Humanas, de Berkeley, Estados Unidos, e Christian de Muizon, do Museu de História Natural, de Paris, na França. A proposta do trabalho conjunto partiu de Marshall e Muizon, que já haviam feito levantamentos de mamíferos do Cretáceo no Peru e na Bolívia. A meta dos dois era ampliar seus estudos para o Grupo Bauru, uma região (ou, mais exatamente, uma unidade geológica) formada por rochas cretácicas, que se estende pelos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Bertini foi convidado para participar da empreitada porque há anos percorre o Grupo Bauru, em busca de répteis fósseis para sua tese de doutorado. Aceito o desafio, o professor do IGCE se integrou numa procura de materiais que durou de junho a agosto de 1988 e percorreu mais de 3 mil quilômetros. "Fizemos levantamentos nos municípios de Uberaba, em Minas Gerais, e Presidente Prudente, Jales, Monte Alto e São José do Rio Preto, em São Paulo", relata. Essa



Bertini: achado abre novas trilhas para pesquisas

convergência internacional de esforços foi cimentada por uma bolsa fornecida pela publicação científica norte-americana *National Geographic Research* (da mesma empresa que edita a revista *National Geographic Magazine*). A UNESP também deu um apoio essencial ao trabalho, oferecendo o veículo usado nos deslocamentos, além de um funcionário e do laboratório para análise do que foi colhido.

LISTA DE PRECIOSIDADES

"A princípio, fiquei encarregado de estudar apenas os répteis", lembra o professor. "Mas, com o tempo, trocávamos informações sobre tudo o que achávamos." Bertini acentua que o dinheiro cedido pela *National* foi liberado com a



Ilustração Marcos Marques

exigência de exclusividade na publicação dos resultados. O artigo que relata a pesquisa e suas conclusões, segundo ele, deverá em breve sair nas páginas da revista. Para o texto final também contribuíram Paulo Brito, da Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, e Mireille Gayet, do Museu de História Natural, de Paris. Os dois analisaram os fósseis de peixes, encontrados em grande quantidade. "Um dos bons aspectos do trabalho é que houve material para muita gente estudar", garante Bertini.

De fato, as descobertas feitas pelos pesquisadores podem significar a abertura de novas sendas para a Paleontologia nacional. Foram encontradas, por exemplo, as primeiras evidências no país de cobras do Cretáceo. Ainda de acordo com Bertini, havia apenas um grupo de peixes desse período conhecido em território brasileiro. "Agora se constata a presença de seis grupos", afirma. Mais um resultado estimulante foi a quantidade coletada de fósseis de sapos, outra ocorrência muito rara. A lista de novidades inclui ainda restos de um grupo de dinossauros que só havia sido registrado antes na Argentina. Por exigência de Bertini, esses e outros fragmentos retirados do Grupo Bauru permanecerão no Brasil.

Para acumular tantas amostras significativas, a equipe empregou uma técnica nova no país: a *screenwashing*, baseada em sucessivos peneiramentos. O primeiro deles, feito com uma peneira comum,

acontece no próprio local onde estão os fósseis. Em seguida, já no laboratório, acontece outra peneiração, só que desta vez joga-se água no material e se usa uma peneira sedimentológica, que permite uma seleção mais precisa. Depois de secas, as amostras são peneiradas de novo e o produto final é armazenado para exames com lupa.

Apesar de ser especialista em Paleoperpetologia — o estudo dos répteis fósseis —, Bertini começa a dar novos rumos à sua vida acadêmica: "Minhas perspectivas se abriram para a análise de outros animais vertebrados do Cretáceo existentes no Grupo Bauru", destaca. Enquanto pensa no que fará no futuro, o professor divide seu tempo entre a preparação da tese de doutorado e uma pesquisa de fósseis na Chapada do Araripe, no Ceará, feita graças a uma nova bolsa concedida pela *National*.

André Louzas

Conheça melhor o assunto

Paleontologia Básica, de Josué C. Mendes (Edusp, 1987)
Paleontologia Geral, de Josué C. Mendes (Edusp, 1977)
História Geológica da Vida, de A. L. MacAlister (Edusp, 1969)

Apreensão de fósseis beneficia UNESP

Uma ação comandada pela Polícia Federal, em agosto e setembro passados, recolheu mais de quatro toneladas de fósseis, em lojas do bairro da Liberdade, em São Paulo. Com a apreensão, ganhou a Paleontologia nacional, já que essas valiosas peças, retiradas de vários pontos do país, normalmente acabam vendidas como objetos de decoração ou são exportadas para museus e pesquisadores de lugares como os Estados Unidos e Alemanha. Além de privar cientistas brasileiros da matéria-prima do seu trabalho, esse comércio fere a Constituição, que estabelece que todo material retirado do subsolo pertence à União e não pode ser negociado.

Ao mesmo tempo, a ação da PF significou um enorme benefício ao patrimônio científico da UNESP, designada pela Procuradoria da República no Estado de São Paulo para receber o produto dessa e de outras possíveis apreensões de fósseis. O reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, comemora a chegada das peças — levadas para o campus de Rio Claro — como mais um sinal do prestígio da Universidade. "O material irá enriquecer o acervo do museu de Paleontologia, que está



Perinotto: quatro toneladas de fósseis, com destaque para o réptil mesossauro (foto menor)

sendo montado em Rio Claro", revela.

Feito em peruas e caminhonetes, o transporte das amostras ficou sob a responsabilidade de dois docentes do Departamento de Geologia Sedimentar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas: José Alexandre Perinotto e Reinaldo Bertini. Uma triagem inicial do que foi apreendido em agosto registrou 1.843 peças, que incluem peixes, répteis e caules de árvores, entre outros fósseis, com idades que podem ultrapassar 200 milhões de anos.

"Com esses exemplares, o acervo do nosso Departamento chegará a quase 8 mil peças e, sem dúvida, será um dos maiores do Brasil na área", estima Perinotto. O docente assinala ainda que parte do material será distribuída a outras unidades da UNESP que tenham cursos nas áreas de Geociências e Biologia, assim que o processo de apreensão for encerrado na Justiça.

Reprodução aproximada do mamífero, elaborada a partir do fragmento ósseo